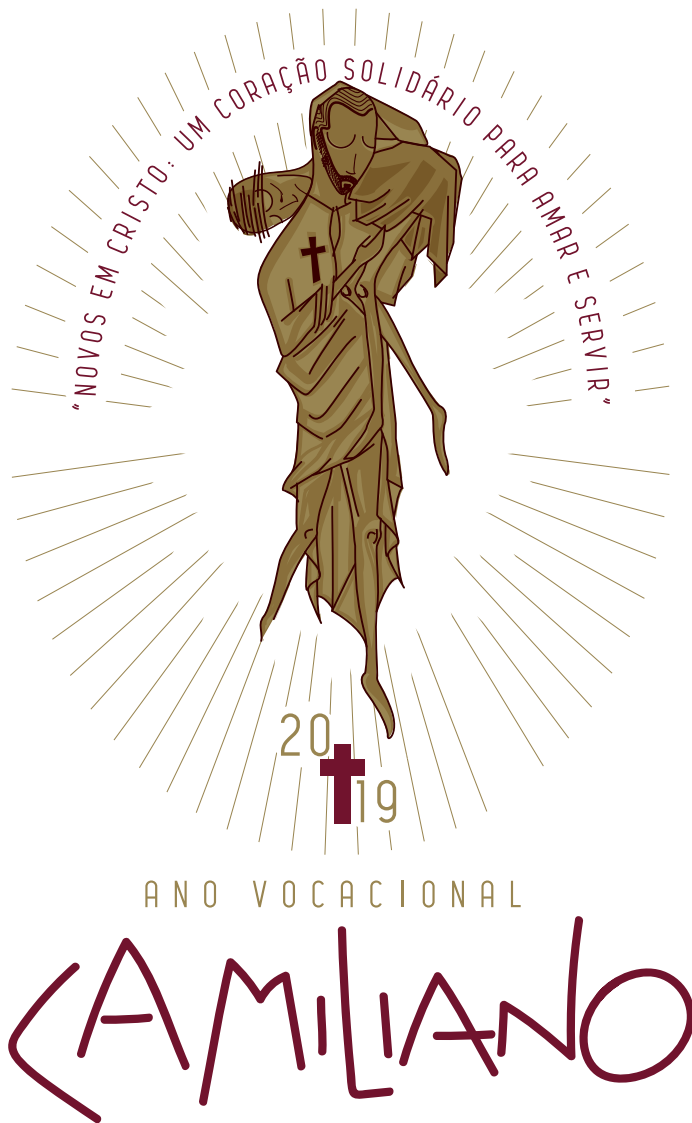


Ordem dos Ministros dos Enfermos (Camilianos)



Texto-Base

Província Camiliana Brasileira

Novos em Cristo: Um Coração Solidário para Amar e Servir

*“Enviou-os para anunciar o Reino de Deus
e curar os enfermos” (Lc 9,2)*

Texto-Base
Ano Vocacional Camiliano
2019



Provincial

Pe. Antonio Mendes Freitas

Conselho Provincial

Pe. Mário Luís Kozik

Pe. Mateus Locatelli

Pe. Francisco Gomes da Silva

Pe. João Batista Gomes de Lima

Texto – Histórico das Comunidades da Província

Luzia M. A. Soares

Revisão

Maria Luiza Bonanata da Rocha

Pe. Carlos Alberto Pigatto

Diagramação

Joaquim Roddil

Província Camiliana Brasileira

Novos em Cristo: Um Coração Solidário para Amar e Servir

*“Enviou-os para anunciar o Reino de Deus
e curar os enfermos” (Lc 9,2)*

Texto-Base
Ano Vocacional Camiliano
2019

Carta de abertura do Ano Vocacional Camiliano 9

Ano Vocacional Camiliano 2019 13

1 – Jesus enviou-nos para evangelizar e curar os enfermos..... 17

2 – Vida consagrada: sinal de esperança 19

3 – São Camilo: apóstolo da caridade..... 23

4 – Elementos da história da Ordem Camiliana 29

5 – Como surgiu a ideia da fundação no Brasil..... 37

6 – Breve histórico das comunidades religiosas da
 Província Camiliana Brasileira 41

 6.1 COMUNIDADES ATIVAS..... 41

 6.2 COMUNIDADES SUPRIMIDAS..... 55

7 – Valores camilianos: o ministério da misericórdia
 e o desafio da humanização..... 65

Anexo 1

Carta testamento 71

Anexo 2

São Camilo salva os doentes da inundação do Tibre em 1598..... 75

Carta de abertura do Ano Vocacional Camiliano 2019

Aos religiosos, noviços, seminaristas, vocacionados, membros da família camiliana leiga, agentes de pastoral da saúde, paroquianos e funcionários das entidades Camilianas

Novos em Cristo: um coração solidário para amar e servir é o tema escolhido para a celebração do Ano Vocacional Camiliano em 2019. Tal iniciativa partiu da equipe de formação e de animação vocacional, como resposta à primeira prioridade eleita no último capítulo provincial (assumir a formação e a pastoral vocacional como prioridade para o triênio de 2017-2020). Assim, convocamos a realização do Ano Vocacional, em todos os âmbitos da Província, que terá início em 02 de fevereiro de 2019, com a Festa da Apresentação do Senhor e dia da Conversão de nosso Fundador São Camilo – no Santuário Nacional de Aparecida, e que terminará em 08 de dezembro de 2019, com a Solenidade da Imaculada Conceição – no Santuário São Camilo do Rio de Janeiro.

O objetivo primeiro do ano vocacional camiliano é celebrar a alegria de ser Camiliano, pois o Espírito Santo de Deus suscitou em Camilo um carisma vivo e necessário em todos os tempo e lugares – ser presença misericordiosa junto aos doentes e sofredores. Camilo respondeu ao chamado com vigor, entusiasmo, força e determinação, mesmo com todas as suas limitações físicas e humanas. Viveu o carisma com fé e amor, sem medir esforços para promover a vida e a dignidade. A alegria de Camilo foi um sinal profético e de esperança não somente para os doentes mas também para os que desejavam partilhar da escola da caridade.

Não são poucos os pensadores contemporâneos que apresentam o atual contexto como fragmentado, secularizado e hedonista; vive-se numa conjuntura de mudança de época que provoca inúmeras “crises” pois as estruturas são facilmente relativizadas. Estamos inseridos nesse contexto, e,

portanto, não é possível vivermos à parte, somos tomados pela cultura da imagem e do imediatismo. Como responder a esses desafios? Como religiosos, precisamos voltar àquele que nos chamou e, por meio de nossa resposta, assumirmos uma missão. Viver com fidelidade o chamado e responder, diariamente, à vocação que abraçamos.

São Camilo acolheu com disponibilidade e docilidade o chamado de Deus, percebeu a dor e o sofrimento dos doentes e pobres. Viveu ele próprio a experiência do pecado e da enfermidade. Nossa Constituição, no n.º 8, afirma: “São Camilo, instrumento ele próprio da misericórdia e amadurecido pela experiência do sofrimento, seguindo o exemplo e o ensinamento de Cristo misericordioso, foi chamado por Deus para assistir os enfermos e ensinar aos outros como servi-los”. Da mesma forma, também nós recebemos o chamado e ingressamos na escola de Camilo, reconhecida pela Igreja como “nova escola da Caridade”. Tanto como religiosos quanto como leigos somos convidados a viver o carisma, pois como Camilo “nós acreditamos no amor” (1Jo 4,16) e precisamos fazer com que esse amor se torne presença humanizadora no mundo da saúde.

Este ano vocacional deve propiciar em nós o fortalecimento de nossa consagração à vida religiosa ou a nosso profissionalismo como promotores da vida e da saúde. Nesse sentido, o evangelho deve ser nossa fonte inspiradora, mas a vida de Camilo também pode nos guiar a viver nossa vocação.

Por isso, convido os religiosos a, sem medo, voltar a estudar a vida de nosso fundador, sua carta testamento, seus escritos e ensinamentos, para que possamos fortalecer o sentido de nosso sim a Deus, bem como a reler outros textos importantes do magistério da igreja acerca da vida religiosa consagrada. O ano vocacional somente terá sentido se provocar em nós uma reflexão acerca de nossa consagração e de nosso modo de ser na Igreja e no mundo.

Convido também todos os leigos que vivem o nosso carisma, seja como membros da Família Camiliana, leigos de nossas paróquias, agentes de pastoral da saúde ou funcionários de nossas entidades a acolher e a viver este tempo de graça. A peregrinação da imagem e da relíquia de São Camilo, além de ser um momento de fé e de espiritualidade, é também um momento forte para internalização dos valores camilianos do cuidado e da promoção da vida. Que as palavras do Evangelho: “Estive enfermo e me visitastes” (Mt 25,36) sejam inspiradoras para vivermos o carisma da misericórdia.

Confiamos à proteção materna de Nossa Senhora da Saúde o bom êxito do ano vocacional. Que o “sim” de Maria nos inspire a viver com fidelidade nosso “sim”, o qual deve ser renovado diariamente no exercício do nosso ministério! Maria, Rainha dos Ministros dos Enfermos e Mãe das vocações, acompanhe-nos com sua proteção materna.

Pe. Antonio Mendes Freitas – Provincial

Novos em Cristo: um coração solidário para amar e servir
“Enviou-os para anunciar o Reino de Deus e Curar os enfermos” (Lc 9,2)

Neste ano de 2019, a Província Camiliana Brasileira, em todo o seu âmbito, é convidada a celebrar o ano vocacional resgatando a alegria de ser camiliano. Esse momento celebrativo nos convida aos seguintes objetivos: 1) Retornar às fontes do carisma e da espiritualidade camiliana, como expressão do amor a Cristo e à pessoa do doente. 2) Aprofundar o conhecimento dos valores camilianos: o santo Evangelho e a Vida de São Camilo. 3) Despertar nosso compromisso de tornar São Camilo mais conhecido, em nossos lugares de missão, pelo apostolado e obras. 4) Refortificar a pertença à vida religiosa camiliana, em sua plenitude, na vivência da consagração, na observância das regras e dos votos religiosos. 5) Preparar o centenário dos Camilianos no Brasil, a ocorrer em 2022.

Este tempo de graça convida todos nós, camilianos, a celebrar com intenso júbilo nossa vocação e a revitalizar nossa espiritualidade e carisma. Somos convidados a aprofundar os seguintes temas: 1) O contexto histórico dos primeiros camilianos no Brasil, de modo especial, Pe. Inocente Radrizzani, pelos 41 anos de falecimento, ocorrido em 27 de abril de 1978; 2) O chamado à vida religiosa camiliana e o premente desafio diante da crise vocacional, deixando-se remodelar como barro nas mãos do oleiro (cf. Jr 18, 6). 3) Os 73 anos de ereção canônica da missão camiliana no Brasil à categoria de Província, em 12 de abril de 1946; 4) Os 97 anos de chegada dos camilianos ao Brasil (15 de setembro de 1922 – 15 de setembro de 2019); 5) A decisão do Capítulo Provincial de 2017 de fazer da formação e da pastoral vocacional a prioridade do triênio 2017-2020. 6) A retomada de pontos importantes do Ano Vocacional de 2006. 7) Incentivo a nossos colaboradores para viverem, com alegria, a pertença aos valores Camilianos.

Olhando para nossa realidade, deparamo-nos com a falta, a ausência e a diminuição das Equipes de Pastoral Vocacional. Estas, segundo Dom Pedro Brito Guimarães, “animam o despertar para a vocação humana,

cristã, eclesial e missionária, inspiram o discernimento dos sinais indicativos do chamado de Deus, dinamizam o cultivar dos germes da vocação e colaboram no acompanhamento do processo de opção vocacional. São elas que provocam atitudes, opções e ações vocacionais. São elas que contribuem para a vocacionalização das outras pastorais e da própria Igreja. Onde elas não existem ou não atuam, a crise vocacional encontra um espaço ideal para se instalar. Portanto, devem-se criar ou recriar essas equipes, se quisermos mais, melhores e mais santas vocações”. Essa realidade encontra eco em um momento em que a sociedade passa por uma “mudança de época” e vive, segundo o bispo, uma “crise vocacional”. Dom Pedro destaca que “muitas casas de formação e muitos seminários estão quase vazios, desafiando a criatividade, convidando a uma tomada de atitude, corajosa e profética. Ninguém pode manter-se indiferente diante da situação vocacional da Igreja no Brasil”.

Relembrando o documento sobre a revitalização da Vida Religiosa Camiliana (Projeto Camiliano), somos convidados a revitalizar nossas comunidades, nossa Província e nossa Ordem, destacando-se que a missão camiliana se revitalizará orientando-se no âmbito de uma forte experiência de Deus, de uma espiritualidade que tem seu fundamento e referencial na relação entre nosso modo de ser e de agir com o de Cristo. Tal documento nos incentiva a termos uma fidelidade criativa ao Carisma, na promoção humana e na revitalização das estruturas. Uma luz que nos aponta é não preocuparmos com a dimensão quantitativa de religiosos, pois a relevância social depende da qualidade. Daí a exigência de retornar ao essencial, à radicalidade evangélica e a estar lá onde nossa presença pode ser não só social, mas também evangelicamente mais relevante. Trata-se de profecia e não de sobrevivência da Ordem. Somos válidos não porque somos úteis, mas porque somos significativos e relevantes, capazes de suscitar interrogativos e envolver as pessoas que querem compartilhar nossa missão. Isto demanda o direito inalienável de nos re-situarmos, de deixar morrer o que deve morrer (obras, estruturas, formas de organização e ação) e de dar vida ao que deve crescer, para que a Vida Consagrada Camiliana possa ressurgir com uma fidelidade dinâmica que lhe permita privilegiar as escolhas essenciais: beber da Palavra de Deus, celebrar os sacramentos, exercer a convivência fraterna nas comunidades, defender a vida em todas as situações, valorizar nosso

carisma por sua especificidade e identidade. A partir da vivência do carisma, testemunhamos o amor misericordioso de Cristo aos enfermos, o qual não pode se resumir a um simples espiritualismo sacramentalista, mas deve dizer algo libertador a ponto de sensibilizar não só os enfermos como também os familiares e os profissionais na área da saúde.

Todas as atividades desenvolvidas pela Província Camiliana Brasileira devem estar inseridas na caminhada da Igreja no Brasil. Por isso, o tema escolhido - *Novos em Cristo: um coração solidário para amar e servir* - como eixo condutor, tendo como lema “*Enviou-os para anunciar o Reino de Deus e Curar os enfermos*” (Lc 9,2), impele-nos, a partir de Jesus Cristo, a nos comprometer em ser uma Igreja servidora e misericordiosa, que nos chama a estar com Ele, formando-nos e enviando-nos em missão, sobretudo no cuidado caritativo e no campo da saúde, junto aos que se encontram “*nas periferias geográficas e existenciais da vida humana*”.

O escopo desse texto-base não é apresentar dados bibliográficos, mas uma retomada histórica do Fundador, da Ordem e da Província Camiliana Brasileira e os valores camilianos de cuidado e humanização, ou seja, aqueles pontos da vida que revelam a presença do Espírito guiando São Camilo e nós, para a realização da grandiosa obra da assistência espiritual e corporal dos enfermos.

1 – Jesus enviou-nos para evangelizar e curar os enfermos

A vocação entendida como projeto existencial de vida se nutre de dupla fidelidade: fidelidade à missão assumida que é também fidelidade à promoção da própria existência. Acima de tudo, não é possível engajamento do ser humano a si e à missão, sem o coração atuar. A sensibilidade por uma causa que coincide com a existência da pessoa só perdura como projeto existencial onde houver paixão, o desejo e a vontade de afetar a figuração do mundo segundo Jesus Cristo.

Aqui é bom lembrar que Jesus, em seu discurso e sua prática, reafirmou o valor da pessoa, diante de quem tudo deve ser relativizado e orientado em função de sua realização. Nem instituições, leis ou tradições, por mais sagrados que sejam, podem ser absolutizadas e, muito menos, manipuladas para legitimar a opressão ou para instrumentalizar as pessoas. O que havia de mais sagrado para Jesus, o que estava acima de tudo era a pessoa humana e a realização de sua vida, em toda a plenitude. Jesus valorizou a pessoa não de forma abstrata, mas em sua condição e situação concreta. Ele reivindicou a dignidade da pessoa em sua vida cotidiana.

Jesus teve sensibilidade diante das situações de sofrimento dos outros. Ele não suportava ver pessoas passando necessidades, não aguentava a dor dos outros, era algo superior a suas forças. Sua sensibilidade não tolerava isso, pois a sensibilidade não se mantém quieta diante da dor e da desgraça do outro. O comportamento contrário leva à indiferença, valoriza o que diz respeito a si próprio, segue-se o caminho, aconteça o que acontecer ao redor. A indiferença é pior que a violência. Perante o sofrimento, provoca mais dano que a violência que causa o sofrimento. É uma realidade esmagadora em que a indiferença torna possível o sofrimento do outro em prosseguir, levando-o à violência, à humilhação e à morte.

Jesus nos aponta a gravidade violenta da indiferença por meio de três parábolas: a do rico epulão e do pobre Lázaro (Lc 16,19-31), a do bom

2 – Vida consagrada: sinal de esperança

samaritano (Lc 10,25-37) e a do juízo final (Mt 25,31-46). Em relação ao rico e Lázaro, percebe-se que o rico não causou nenhum mal a este. Não foi culpado pela situação pobre e doentia de Lázaro. Não o expulsou de sua casa, permitindo-lhe mendigar. O pecado é a indiferença do rico, foi sua violência diante da dor alheia. O mesmo acontece na parábola do bom samaritano: pessoas que se consideram “observantes”, “piedosas”, “irrepreensíveis” são agentes violentos mais perigosos do mundo, insensíveis diante da dor do outro. O mesmo aparece no relato do juízo final, no qual a indiferença aparece quando as pessoas não fazem o bem.

Vivemos em uma cultura em que nos educaram formando-nos para cumprir com nossos deveres, mas não para viver atentos às necessidades das pessoas. Parece absolutamente normal que haja pessoas “irrepreensíveis” que passam pela vida deixando a seu lado enchentes de sofredores. Dizia Martin Luther King: “Quando refletirmos sobre nosso século XX, não nos parecerão ser mais graves as malfetorias dos perversos, mas sim o escandaloso silêncio das boas pessoas”.

A proposta de Jesus é desafiadora, eis o motivo por que poucos O seguem como verdadeiros discípulos. A conduta de Jesus nos impele à defesa da vida, de sua integridade, de sua dignidade e de seus direitos. Sermos sensíveis e irmos ao encontro do outro perante situações-limites. É mais fácil sermos cumpridores do dever, pois tem regras claras, enquanto que as necessidades do outro podem nos comprometer até onde não imaginamos. Por isso arrumamos bons argumentos para acalantar nossa consciência.

O testemunho dos consagrados necessita ser mais profético, voltado à nossa realidade de desigualdades sociais, injustiças e pobreza. Nesse sentido, teoria e prática devem convergir para o mesmo fim, que é testemunhar o amor de Cristo no mundo em que vivemos. É importante questionarmos a excessiva pastoral de manutenção, que nada contribui para o dinamismo da Igreja e da sociedade, funcionando mais como “analgésico” do que como “ponto de interrogação”.

Todo ser humano é essencialmente esperançoso. A esperança é o que mantém em pé sua existência. Gabriel Marcel dizia que esperar é passar do “tempo fechado” para o “tempo aberto”, da fugacidade do “ter”, para a plenitude do “ser”. A vida religiosa na Igreja tem sido vista, ao longo dos séculos, como um convincente testemunho de esperança. É o tema do “testemunho escatológico”, que a excessiva absorção nos problemas mais urgentes da atualidade poderia fazer-nos esquecer.

Hoje, porém, a vida cristã em seu conjunto, e de modo todo particular a vida consagrada, deverão investir mais na dimensão escatológica, porque vivemos uma crise de esperança. “Perdeu-se a esperança na ressurreição, e isso deixa atrás de si um vazio notável” (Habermas).

Não só falar, mas dar testemunho, com nossa vida, da esperança que nos habita. Objetivamente, a vida religiosa, por seu próprio ser, é um testemunho de esperança. Bento XVI, em seu Discurso aos Superiores e às Superiores Gerais dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, no dia 22 de maio de 2006, constatou que hoje «são necessárias opções valentes, pessoais e comunitárias», para redescobrir e mostrar a beleza do seguimento de Cristo na vida consagrada. «Os consagrados e as consagradas têm hoje a tarefa de ser testemunhas da transfiguradora presença de Deus em um mundo cada vez mais desorientado e confuso, um mundo no qual os matizes substituíram as cores sumamente claras e destacadas». Nesse sentido, reconheceu que «a vida consagrada nos últimos anos voltou a ser compreendida com um espírito mais evangélico, mais eclesial e mais apostólico; que ofereça ao mundo o rosto autêntico e vivificante de Cristo».

Mas não podemos ignorar as grandes tentações que hoje a Vida Religiosa está enfrentando. De fato, constatamos que «a cultura secularizada penetrou na mente e no coração de muitos cristãos, inclusive consagrados,

que veem nela uma forma de acesso à modernidade e de aproximação do mundo contemporâneo».

A consequência, indicou, «é que junto com um indubitável impulso generoso, capaz de testemunho e de entrega total, a vida consagrada experimenta hoje a insídia da mediocridade, do aburguesamento e da mentalidade consumista». Bento XVI indicou que “O Senhor quer homens e mulheres livres, que não estejam condicionados, capazes de abandonar tudo para encontrar só nEle seu tudo”... “São necessárias opções valentes, em nível pessoal e comunitário, que imprimam uma nova disciplina à vida das pessoas consagradas e as levem a redescobrir a dimensão integral do seguimento de Cristo”... “Pertencer ao Senhor é a missão dos homens e mulheres que optaram por seguir Cristo casto, pobre e obediente, para que o mundo creia e se salve”.

A chamada crise da vida religiosa pode ser pela quantidade, com certeza não é pela qualidade. Talvez aos jovens hoje falte coragem. Estão sendo vencidos pelo medo de seguir, até o fim, o projeto de Jesus. Segundo J. Comblin, a cultura da classe média é uma cultura do espectador e não de alguém comprometido, cultura de informação e não de formação para a vida e ação. E, diante da evolução histórica e renovadora do Concílio Vaticano II, os religiosos não tiveram a preparação nem a coragem de assumir o novo e desistiram, adotando uma posição muito cômoda na sociedade. Sentem medo de parecer diferentes ou de incomodar os outros, de começar a mudar a história, mudando a própria vida. Por isso Jesus repetiu tantas vezes aos discípulos: não tenham medo... E o repete ainda em nossos dias. Para nós todos.

Essa crise acaba acenando a um horizonte mais amplo: muitos religiosos começaram a sentir-se abalados não só quanto às suas opções pessoais, mas também em relação à espiritualidade e à fé. Além do mais, há uma crescente fragilidade intelectual no atual processo formativo, dificultando aos religiosos a compreensão dos fenômenos emergentes da sociedade complexa e fragmentada da pós-modernidade, levando-os a uma incapacidade de diálogo com o mundo pós-moderno. A pós-modernidade supõe religiosos capazes de apaixonar-se pelas pessoas de hoje. Todavia, religiosos de hoje, em grande parte, “parecem não ser atingidos pelos desafios do tempo atual, vivendo instalados em certa indiferença e apatia, ou numa vida acomodada,

não tendo sido aparentemente sacudidos pelo sopro do Espírito Santo” (cf. CNBB, *Vida e ministério do presbítero, pastoral vocacional*, n. 40).

As motivações para se chegar à vida religiosa consagrada devem ser fundamentadas na fé e no seguimento de Jesus. Por isso, é necessário estar atento aos motivos secundários, pois estes, embora legítimos, devem ser compatíveis com a motivação fundamental e nela integrar-se.

O religioso não deve simplesmente obter ordens exteriores, mas também formar convicções e atitudes que o levem a se colocar a caminho, focadas no Senhor, indo em direção aos outros, pois uma Vida Religiosa voltada para si mesma não é sadia. É importante ter a clareza de que o religioso deve ser portador da esperança e da gratuidade. Pois se perder a esperança e a gratuidade, nada de novo terá a apresentar. Essa esperança, segundo o Papa Francisco, “não se funda sobre números ou sobre as obras, mas sobre Aquele em quem pusemos nossa confiança (cf. 2Tm 1,12) e para quem ‘nada é impossível’ (Lc 1,37). Essa é a esperança que não desilude e que permitirá à vida consagrada continuar a escrever uma grande história no futuro, para o qual se deve voltar nosso olhar, cientes de que é para ele que nos impele o Espírito Santo a fim de continuar a fazer, conosco, grandes coisas”.

3 – São Camilo: apóstolo da caridade

O século XV foi marcado pelo fogo das divisões religiosas na Igreja, mas também das decisões de muitos homens e mulheres que, sentindo-se atraídos pelo amor de Deus, não mediram esforços para anunciar um Deus que ama seus filhos e filhas. A decisão de Camilo foi entender que Deus clamava nele para exercer a caridade. Esse era seu desejo de progredir mais na virtude do amor de Deus, caminho que rumava à perfeição.

A Ordem dos Ministros dos Enfermos (Camilianos) nasceu como tantas outras da sua época, porém com uma diferença: “a caridade aos pobres doentes”. Para Camilo essas pessoas eram os mais pobres e os mais necessitados de cuidado especial, igual ao amor de uma mãe que cuida de seu filho enfermo.

A Igreja no tempo de Camilo, como também hoje, vivenciava aquele clima em que tudo parecia estar bem. Mas, ao contrário, havia uma vida mesquinha que não encantava ninguém. Foi necessário que homens e mulheres, atraídos pelo amor de Deus, não medissem esforços para anunciar um Deus que nos ama.

Durante os primeiros 25 anos de sua vida, Camilo procurava novas aventuras, a fim de conseguir recursos para sua sobrevivência. Ele foi em busca de algo que lhe desse sentido. Envolveu-se na aventura para ganhar seu pão, para encher uma falta de sentido. Ele não era capaz de ir além do significado material das coisas terrenas. Depois de duras resistências, caiu vencido pela graça e converteu-se no dia 2 de fevereiro de 1575. Após a conversa com o Pe. Ângelo, as palavras que lhe foram dirigidas ecoaram no profundo de sua alma, provocando nele uma mistura de inquietude, remorso, insatisfação, medo e esperança: “*Deus é tudo. O resto não vale nada. A vida tem sentido se for dedicada a salvar a alma, a única coisa realmente importante, que não se pode perder de jeito nenhum*” (Cicatelli, *Vida manuscrita de São Camilo*).

Deus irrompeu em sua vida. Deus sempre se manifesta em nossa vida, nós é que não o percebemos. Sua presença sempre é ativa. Ele aproveita momentos fortes de nossa vida para se manifestar. Como aconteceu a Camilo uma nova vida: passou do “eu” superficial para o “eu” autêntico, no qual Deus habita. Como a parábola dos poços que descobrem que seu sentido está dentro de si e não no que vem de fora.

A partir desse momento, começou em São Camilo a busca constante da vontade de Deus no meio de todos os acontecimentos humanos. Iniciou vida nova e seguiu novas ideias. Chegara a hora de Deus. Mas Camilo não suspeitava de que a dose de luz que lhe havia sido dada não era só para ele e que seu caminho teria desvios imprevistos, reviravoltas e cruzes inesperadas (cf. Pe. Mateus Batista). Camilo, sensível à voz do Senhor, escutou com compaixão os apelos do mundo dos doentes, colocou-se inteiramente no caminho da caridade para com estes. O carisma camiliano é, dizia Camilo, “o grande talento que o Senhor colocou em nossas mãos”. Talento este que está no centro do evangelho e no coração da Igreja: o serviço aos doentes. Ele entendeu e testemunhou a grande mensagem do Evangelho, que era a missão de Jesus, unindo indissolivelmente o cuidado aos enfermos à pregação da boa nova, e conferiu à Igreja essa missão: *anunciar o evangelho e curar os doentes*.

Camilo, depois de sua conversão, optou pela vida religiosa entrando para a Congregação dos Capuchinhos. Mas sendo convidado a não prosseguir, por causa da chaga no pé, ele se deu conta de que Deus o queria cuidando dos enfermos. A decisão de Camilo foi a de infundir coragem diante da descomunal desumanização do relacionamento humano para com os enfermos.

Foi nesse ambiente que São Camilo iniciou sua organização. Como para São Paulo a razão do apostolado, o fundo dos discursos, o tema de suas cartas foi a solene declaração que lhe ecoou na estrada de Damasco: “*Eu sou aquele Jesus que tu persegues*”, assim para Camilo foram as palavras que nós todos ouviremos repetidas no dia do juízo: “*Era enfermo e me visitastes... tudo o que fizestes a um destes pequeninos, a Mim o fizestes*”. Não podemos prescindir desse princípio, que ocupou toda a mente de Camilo, como não podemos excluir da civilização atual o evangelho e a pessoa de Jesus Cristo.

A experiência pessoal de sofrimento e o contato com os doentes, colocou-o em relacionamento de um lado com o rosto de Cristo

misericordioso, que desempenha o serviço do bom samaritano, e de outro com o rosto do crucificado, presente em cada sofredor. Camilo conseguiu integrar seu sofrimento, fazendo dele uma fonte de ajuda para os outros. Ele foi um homem amadurecido pela experiência da dor. Eis sua resposta à misericórdia divina: “Já que Deus não me quer capuchinho, é sinal de que Ele me quer aqui (hospital) a serviço dos enfermos”.

Eis a caminhada que amadureceu sua consciência de ter recebido o carisma da caridade. Essa realidade inspirou-lhe a ideia de formar um grupo de homens piedosos, escolhidos a dedo, que se dedicassem inteiramente aos enfermos. Começou a formar esses agentes transformando-os em “serafins de amor”, com a missão de socorrer os enfermos com a ternura de mãe. Camilo e seus companheiros cuidavam dos doentes com afeto não inferior ao que a mãe dispensa ao único filho enfermo. É o conceito mais elevado do amor possível a uma criatura, tomado qual modelo.

Outro conceito sugerido a Camilo pela fé, e que o levou a conclusões arrebadoras, a aplicações que a inteligência humana tão pouco podia imaginar, foi “*de servir ao doente como o criado serve ao próprio dono e senhor*”. Já não é o filho a quem a mãe presta seus próprios desvelos, é o dono e o servo, o Senhor dos senhores e a criatura prostrada a seus pés. Mergulhou as mãos na “massa da caridade”, lembrando que a opção pelos pobres doentes é a opção do próprio Deus, do Deus da vida, que se coloca do lado daqueles cuja vida é ameaçada.

O serviço aos doentes tornou-se para Camilo um encontro com Deus, uma vida de oração. Eis sua espiritualidade. Para Camilo foi uma experiência de Deus misericordioso, cuja expressão mais intensa e significativa é constituída pelo crucifixo. Camilo garantia que o crucifixo era o verdadeiro fundador da Ordem. Chegou a identificar o próprio projeto divino. Sem as forças do crucifixo, teria se enredado nas contrariedades. Tudo resolve a seus pés! Foi colocado sobre um modesto altar, num quarto do hospital, e lá naquele pequeno cenáculo se iniciaram seus ininterruptos colóquios que, segundo o Pe. Inocente Radrizzani, só ele, e talvez nem ele, nos poderia repetir.

Suas santas intenções foram mal interpretadas pela Diretoria do hospital, devido à inveja de um funcionário, proibindo-o de se reunir com seus amigos naquele oratório. Camilo, desconsolado, levou o crucifixo para

seu quarto, adormeceu e, durante o sono, pareceu-lhe ver o Cristo Crucificado, que, movendo a cabeça, disse-lhe: *“Não temas, pusilânime, caminha, eu estarei contigo e te ajudarei e tirarei grande proveito desta proibição”*. Camilo ficou sem saber se a visão fora sonho ou realidade, mas dela lhe restaram uma imensa força e doçura.

Continuaram as lutas, e Camilo, em abundantes lágrimas, voltou a se prostrar diante do crucifixo, do qual, então, Cristo despreendeu os braços e abraçando-o, lhe disse com grande doçura: *“De que te afliges, covarde? Continua a obra. Eu te ajudarei, pois a obra é minha, não tua”*. Essa revelação foi um alívio para Camilo. O crucifixo ocupou o centro de sua espiritualidade e de sua vida. Ele contemplava também os inúmeros crucificados cravados em miseráveis camas e de cujas chagas cuidava e beijava. De fato, não fez outra coisa senão “servir” a estes seus senhores crucificados. Era Cristo que vivia em Camilo. Camilo canalizou suas potencialidades à disposição da promoção do reino de Deus, por meio do serviço misericordioso aos enfermos.

Mais do que a doença, foram os doentes a chamar a atenção e a absorver todos os pensamentos, as preocupações e a própria vida desse santo, chamado por Deus a servir e a ensinar a todos como devemos servir os doentes. Mas ele, que foi um mestre em servir os doentes, era um grande enfermo. Seu primeiro biógrafo, Sanzio Ciatelli, descreve-nos com cuidado suas cinco principais doenças. Cada uma delas era suficiente para colocar em repouso qualquer pessoa, não porém Camilo, que estava tão atento aos outros quanto esquecido de si mesmo.

Camilo foi doente com os doentes, aflito com os aflitos. Suas dores e sofrimentos o fizeram amigo dos sofredores. Empreendeu obras de caridade que pessoas sadias e robustas não se atreviam a assumir. Eis aqui a unidade entre o amor sobrenatural (ágape) e o amor afetivo de Camilo. A Caridade sem a dimensão afetiva, sem um clima familiar, seria um atraioamento de si mesma. A santidade não seria verdadeira se a riqueza emotiva da pessoa fosse reprimida.

Camilo colocava como regra: *“Primeiro peça a graça ao senhor que lhe dê um afeto materno para com seu próximo, para que possamos servi-lo com toda caridade tanto da alma como do corpo, porque desejamos, com a graça de Deus, servir a todos os enfermos com aquele afeto que uma mãe amorosa costuma ter para com seu filho único enfermo”*.

Se nos defrontarmos com o caminho de Camilo, com esse itinerário espiritual, percebemos que, do ponto de vista de sua personalidade, considerando-o pessoa inculta, sem formação, sem ênfase no estudo, muito exigente com os companheiros, centralizador da Ordem em sua pessoa, enfim, poderemos perguntar: Qual sua influência em nós?

Devemos dar atenção a seu modo de rezar, à sua dedicação total ao enfermo, à fé que o fez ver e ser Cristo no/ao doente, enfim à inteligência de sua caridade, à sua criatividade em todos os setores da assistência (revolução da caridade aos enfermos).

O Documento de Aparecida nos lembra que “a saúde é um tema que move grandes interesses no mundo, mas não proporciona uma finalidade que a transcenda” (n. 419). A Igreja é convidada a resgatar a dimensão espiritual e a transcendente no campo da saúde, em que obras materiais devem ser um meio para se realizarem as espirituais.

Eis a pergunta: nós, em relação à nossa realidade social, como reagimos, quais são nossas preferências, como nos comportamos diante das injustiças? Como nos comportamos em relação a esta expressão: menos obras de caridade, mais caridade nas obras? Por isso é importante recomeçar, rever, confrontar-se com Cristo, como fez Camilo. Servir com amor não deve ser uma lei imposta, mas natural; não uma obrigação externa, mas uma exigência que rompe de dentro.

A celebração do ano vocacional é uma excelente oportunidade para meditar, interrogando a história, para descobrir em que medida, com que entusiasmo prolongamos a vida e o ideal de São Camilo. Nós, que vivemos na atual realidade da Igreja, com que vigor estamos concretizando a parábola do bom samaritano? Espalhamos pelo mundo a luz da caridade com que Deus iluminou São Camilo?

4 – Elementos da história da Ordem Camiliana

“A história da Ordem Camiliana é como um grande mosaico constituído por inumeráveis peças, que milhares de religiosos têm contribuído a ilustrar, com sua vida e suas obras. Nele, ergue-se imponente a figura de seu Fundador, São Camilo, cuja inspiração estará sempre viva na consciência de seus filhos, reclamando-nos constantemente uma fidelidade criativa ao carisma da caridade misericordiosa. A fecundidade de sua mensagem tem se expressado na fundação de algumas congregações femininas, em institutos seculares e na família camiliana leiga.

Luzes e sombras, grandezas e limites, alegrias e penas têm acompanhado a Ordem ao longo de seu percurso histórico, manifestado numa grande variedade de contextos socioculturais e eclesiais. Nem sempre a resposta aos desafios dos tempos foi acolhida com a devida clarividência e generosidade, mas sempre existiu a vontade de recuperar-se com vigor renovado. Os momentos dramáticos das epidemias foram de grande ajuda porque despertaram nos religiosos o espírito genuíno do Instituto, equilibrando-se de novo e relançando-o.

O caminho da Ordem Camiliana tem sido um caminho de espiritualidade, com manifestações admiráveis de santidade, animado pelo desejo de aproximar-se, com amor terno, ao ser humano, imagem de Deus”. (E. SPOGLI e A. BRUSCO, *Elementos de História da Ordem Camiliana*”, in “Espiritualidade Camiliana: itinerários, desafios e perspectivas”, p. 215).

São Camilo implantou uma Ordem Religiosa sólida e bem organizada. Eis as palavras de Ciatelli a respeito da situação da Ordem deixada por São Camilo: “Deixou sua companhia fundada com alicerce sólido, que foi o duplo preceito da caridade, isto é, amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, a cuja finalidade se dirigem todas as ações que ela realiza, tanto corporais como espirituais. Para amar a Deus perfeitamente, procuramos com todo o esforço, a saúde e a perfeição própria, estando atentos

à observância dos divinos mandamentos e abraçando os conselhos de Jesus Cristo, ao fazer os votos solenes de pobreza, castidade e obediência, assim como todos os religiosos. E, para melhor amar e conseguir a saúde do próximo, obriga-se com voto solene a servi-lo perpetuamente na alma e no corpo, não só em tempos de saúde como também em suas maiores necessidades, ou seja, em tempo de enfermidade e de morte e, particularmente, por ocasião de peste” (Cic 1815, pp. 269-270).

Durante as epidemias ocorridas no século XVII, no território da Itália, os camilianos enfrentaram os “certames da caridade” (campos de prova muito exigentes para a ainda jovem Ordem), colocando-se ativamente, de dia e de noite, sem nenhum medo, praticando a caridade aos enfermos, sem retroceder diante da fadiga e dos riscos. Foram fieis ao quarto voto, tornando-se os mártires da caridade. Tal testemunho foi uma fonte de atrair seguidores.

Sabemos que é o Espírito Santo que dirige a Igreja, fazendo-a crescer e superar os obstáculos que encontra em seu caminho. Não foi diferente durante o itinerário da Ordem Camiliana. Ao procurar expandir-se além da Itália, em especial na Espanha, encontraram-se resistências das autoridades civis, além da hostilidade de outras comunidades religiosas acusando os camilianos de ignorantes e, até mesmo, de hereges (cf. P. SANNAZZARO, *História de la Ordem de San Camilo de Lellis*). No entanto, durante uma epidemia, os camilianos tiveram a oportunidade de demonstrar sua identidade, de conquistar seu espaço, de ser acolhidos de vez pelos espanhóis. Esse processo de reconhecimento teve como ponto central o serviço aos enfermos no Hospital Geral, vítimas de uma peste que havia afetado “os próprios sacerdotes dedicados à assistência espiritual do piedoso lugar”. Assim como, a pedido do rei Filipe IV, foram convidados a dar assistência aos soldados feridos e enfermos, vítimas de uma guerra entre França e Espanha.

Houve uma página difícil na história da Ordem, foi precisamente o generalato do Pe. Nicolò Grana (1646-1652), homem de grande integridade moral, muito amante da Ordem, porém não dotado de muito equilíbrio para o governo. Animado de zelo sincero, mas talvez não acompanhado da devida prudência, começou uma dura, mas não muito iluminada ação de reforma, suscitando a reação de muitos religiosos e provocando afinal a visita apostólica, realizada por ordem expressa de Inocêncio X. O recurso a esse

expediente provocou na Ordem uma situação que chegou a ocasionar medo e, inclusive, uma grande debandada, até mesmo dos melhores religiosos (cf. M. VANTI, *Tre Secoli e mezzo dalla fondazione e prima professione dei chierici Reg. Ministri degli Infermi*, p.306). A principal consequência dessa conduta desacertada do Pe. Grana foram as acusações que a Ordem recebeu de ter descuidado o exercício do quarto voto.

A pacificação desse alvoroço veio com o governo de Pe. Marcantonio Albiti (1652-1656). Diante das restrições que a visita apostólica impôs, Pe. Albiti confiou a Ordem à Imaculada Conceição, em um ato oficial de consagração. Com a chegada do papa Alexandre VII (07/04/1655), a Ordem recuperou a normalidade, retomando os antigos privilégios e o direito de confessar e de atender o ministério eclesiástico nas Igrejas assim como a faculdade de celebrar um Capítulo Geral. Com a convocação e o desenvolvimento do XII Capítulo Geral (1655), resgatou-se a razão de ser da comunidade camiliana, confirmando-se a intenção de nosso Instituto, sua existência e finalidade: praticar as obras de misericórdia, em especial, o serviço aos enfermos, espiritual e corporal. A Ordem revitalizou sua identidade, com a renovação dos votos solenes realizados aos pés da Imaculada, colocando-se a serviço das vítimas da peste de 1656. Entre os camilianos estava Pe. Albiti que, vítima da peste, faleceu no dia 25 de dezembro de 1656.

Outra situação que influenciou negativamente a vida da comunidade camiliana foi a diminuição dos irmãos. Tal fenômeno teve início durante os últimos vinte anos do século XVII. Apesar do número expressivo entre os mártires da caridade, outro fator foi a clericalização da Ordem. Eis as palavras do Pe. Calisto Vendrame: “A fidelidade ao serviço global do enfermo estava garantida com a presença contínua de padres e irmãos, uns e outros unidos em um ministério comum, mas com funções diferentes que foram descritas minuciosamente na bula *Superna dispositione*, de Clemente VIII. A parte mais dura e extenuante do serviço completo nos hospitais assumidos pela Ordem correspondia, no entanto, aos irmãos leigos, e essa rígida divisão das tarefas (elogiada ainda hoje por alguns) foi desastrosa para os irmãos, e toda a Ordem sofreu suas consequências. Foi um passo a mais, embora não proposital, para a clericalização do Instituto. O clericalismo é o primeiro fator de uma lista que reduziu sensivelmente o número dos irmãos e significou o abandono do serviço ‘corporal’ aos doentes”.

Durante o século XVIII, a Igreja teve a alegria de celebrar a beatificação e a canonização de São Camilo. No dia 24 de junho de 1728, o papa Bento XIII, por um decreto, confirmou a *Heroicidade das virtudes de Camilo*. Já as celebrações da beatificação e da canonização ocorreram no pontificado de Bento XIV, através do Breve *In Virtutibus* (beatificação, 08/02/1742) e da Bula *Misericordiae Studium* (canonização, 29/06/1746). O papa Bento XIV afirmou que Camilo havia fundado “uma nova escola da caridade”. Eis algumas palavras com as quais o papa apresentava com maestria a pessoa de Camilo: “O Beato Camilo, cheio do dom do Espírito celestial, fez seu, no século passado, o serviço a todos os infelizes e especialmente a todos os enfermos, não porque estivesse unido a eles por laços familiares, mas unicamente movido pelo amor de Cristo se comprometeu pessoalmente a consolá-los com afeto fraterno. E, tendo percebido que ele sozinho não poderia chegar a todos os atribulados e para poder continuar sua caridade no futuro, transmitiu a outros seu fervor de caridade, aos quais, unidos por um vínculo perene de amor e comprometidos com voto religioso, confiou e recomendou para sempre o serviço espiritual e corporal dos enfermos” (Bula *Misericordiae Studium*, em BO, Doc. XXXII, p.228).

O século XVIII foi marcado por iniciativas de novas fundações, procurando-se expandir o apostolado camiliano. A preparação e a celebração da glorificação do Fundador impulsionaram a expansão da Ordem, que teve nesse mesmo século novas fronteiras. Não podemos esquecer que São Camilo costumava dizer que “nossas Índias e nosso Japão” são os hospitais, em que os enfermos estão abandonados e não há quem leve até eles o evangelho do consolo e da esperança. Mas o Espírito Santo abre o coração dos camilianos mostrando-lhes que, também nos diversos lugares distantes, a realidade e as condições humanas e espirituais são sinais da necessária presença de bons samaritanos. Destaca-se a presença destes, na América do Sul e na Central, em especial no Peru, pela prática da caridade, consolando, ajudando e dando assistência aos pobres moribundos e aos enfermos, sobretudo durante a terrível epidemia que açoitou a população peruana. A presença dos camilianos no Peru destacou-se com a fundação de uma comunidade com um crescimento expressivo, chegando a ter setenta e sete membros em 1770. Houve fundações camilianas em outros países, como Colômbia, Equador e Bolívia, as quais infelizmente tiveram uma vida efêmera. Houve a fundação camiliana em

Portugal, tendo como origem a incorporação à Ordem de uma congregação portuguesa denominada *Tumina*, cujo objetivo especial era a assistência aos moribundos. Também houve tentativas prematuras de expansão missionária na China e em Goa que não deram certo. Mas foi uma abertura de caminho que mais tarde se concretizaria na vinda de vários camilianos.

A beatificação e a canonização contribuíram para manter acesa a chama da caridade misericordiosa para com os enfermos. Os religiosos entregavam-se ao serviço das vítimas das pestes ocorridas em Messina (Itália) e Múrcia (Espanha), bem como assistiam os prisioneiros no Castelo de Pavia, tratados de forma desumana durante a guerra entre franceses e austro-húngaros. O Pe. Lorenzo Vigo, que passava por Pavia, sabendo da situação, prontificou-se a ajudá-los. A presença dos camilianos foi marcante para a melhoria da assistência espiritual e humana dos prisioneiros, levando os próprios carcereiros a colaborar nesse serviço.

Em relação à fidelidade ao exercício do ministério específico, ou seja, à vivência do quarto voto, podemos perceber que, durante as epidemias e outras calamidades, os religiosos camilianos responderam fiel e heroicamente aos compromissos. Também se esperava que, em tempos normais, respondessem aos compromissos do serviço aos enfermos, segundo as diretrizes expressas por São Camilo e pelas Bulas de fundação. Por isso, as Constituições dessa época (século XVIII) confirmam a importância das “visitas canônicas” realizadas pelos superiores gerais e provinciais e por seus delegados. Tais visitas tinham como objetivo o estímulo e o entusiasmo aos que cumpriam fielmente o *Institutum* e o convite à conversão dos que se afastaram do espírito original dos ensinamentos do Fundador. Lendo os escritos dos visitantes, podemos constatar que nossa Ordem, durante esse período, se manteve firme no cumprimento dos ensinamentos de São Camilo. Essa constância em afirmar a fidelidade ao carisma ajudaria a superar a decadência que, sobretudo na metade do século XVIII, devido às ingerências arbitrárias, afetaram a Ordem. Tais ingerências tinham como destaque o desejo da Coroa de dominar absolutamente as Ordens Religiosas, tirando-lhes o domínio do Governo Geral, impossibilitando transferências, dificultando a relação das comunidades com o Governo Central da Ordem, suprimindo certas Casas religiosas; enfim, toda decisão deveria ter o aval da classe soberana. Essa realidade acabou influenciando as estatísticas: no final do século XVIII,

houve uma redução no número de Províncias (3), de Casas (16) e do número de religiosos à metade (no início do século XVIII contava com 503 professores, 6 Províncias e 46 Casas).

Essa arbitrariedade por parte dos poderosos ficou mais premente durante a época napoleônica. Napoleão, querendo implantar as ideias da Revolução Francesa na Itália, encontrou resistência na pessoa do papa Pio VII. Indignado, o imperador declarou extinto o domínio temporal do papa, o que significava também a supressão das Casas da Província Romana. O superior geral, Pe. Michelangelo Toni, eleito em 1807, foi deportado primeiramente a Paris e, a seguir, à ilha da Córsega, onde “passou longos e amargos anos de deserto forçado. Em 12 de maio de 1814, pôde voltar livre a Roma. Pio VII o confirmou e, posteriormente, voltou a confirmá-lo como superior geral” (cf. F. VEZZANI, *Superiori e Capitoli Generali, Quaderni di Storia*, Verona, 1993, p.66).

Após o ocaso de Napoleão e a definitiva volta de Pio VII a Roma, a recuperação, foi lenta e cheia de dificuldades. Essa lentidão na recuperação não se explica facilmente se nos limitarmos às causas exteriores à desagregação interna da Ordem. A separação das províncias na comunicação com Roma e a intromissão dos poderes políticos haviam gerado em muitos religiosos um estilo de vida em desacordo com as exigências da consagração religiosa, com destaque na exigência da vida comum, assim como na vivência do voto de pobreza. Também não se conseguiu facilmente cicatrizar a ferida do afastamento dos hospitais, pouco compensada com a presença no Hospital de São João de Latrão, em Roma.

Embora as comunidades nos períodos de administração ordinária se sentissem às vezes tentadas a dedicar-se a outras atividades que as desviassem da principal característica do ser camiliano, logo encontraram o estímulo original e se abriram ao desejo de estar presentes no serviço arriscado aos pestilentos ou às vítimas do cólera que surgiu na primeira metade do século XIX. Animados pelo quarto voto, como havia sucedido no passado diante das pestes, os religiosos estiveram dispostos a cumprir sua vocação, até mesmo com o sacrifício de sua vida.

Um ponto de referência de mudança de época e decisivo na história da Ordem foi a pessoa do Pe. Camilo Cesare Bresciani, cuja iniciativa e atuação levaram à fundação da Província Lombardo-Vêneta, região que já não tinha

casas religiosas havia mais de sessenta anos. Pe. Bresciani pertencia a uma irmandade, em Verona, dedicada fielmente à ação assistencial dos enfermos, e sua atuação junto a outros companheiros levou-o a afirmar: “Nós somos camilianos sem tê-los conhecido. Nossa regra é a vida de São Camilo, que lemos todos os dias. Podemos dizer que a vocação nos chegou com a leitura. Trabalhamos dia e noite, vivemos pobremente”. Ele havia afirmado que procurava “uma família religiosa de sacerdotes que carregassem, mais que com o nome, com o peso dos pobres e dos enfermos” (A. BRUSCO, *P. Camillo Cesare Bresciani, il pio samaritano*, Milano, 1972, p.80). Ao examinar muitos movimentos, intuiu toda a riqueza do Instituto de São Camilo, que cuidava de toda pessoa enferma. A Irmandade a que pertencia trabalhava de modo louvável, suprimindo muitas carências do pessoal, bem visíveis também nos hospitais de Verona no começo do século XIX. Todavia, esse tipo de intervenção não resolvia os grandes problemas dos enfermos.

Entrou em contato com o Superior Geral da Ordem, Pe. Luigi Togni, no dia 10 de fevereiro de 1837, informando-lhe que, à sua volta, já existia um grupo formado de pessoas decididas a seguir o mesmo caminho. Tal autorização só conseguiu cinco anos depois, emitindo a solene profissão religiosa (30 de outubro de 1842). Seus companheiros, entre eles três sacerdotes, um estudante e um leigo, vestiram o hábito religioso e começaram o noviciado. Tal acontecimento e o testemunho desse grupo fizeram em pouco tempo crescer o número de vocacionados e promover a fundação de cinco casas.

Por meio desses religiosos, novamente foi resgatado o selo de identidade do ser camiliano: comprometer-se, mesmo nas situações mais arriscadas, com base no quarto voto; atuar nos espaços tradicionais em que se desejava agir segundo o projeto original do Fundador (hospitais, cárceres, domicílios, leprosários e onde houvesse surtos de epidemias) e cuidar do ser humano em sua globalidade (espiritual e corporal).

Um dos pontos marcantes dessa renovação foi a revalorização da presença dos irmãos e de sua função na comunidade e no serviço, segundo o novo projeto de assistência que o Pe. Bresciani propunha e de sua atuação. Para ele, os irmãos eram essenciais, “enquanto que, para outros, os irmãos são acessórios”.

Não faltaram oposições à sua linha de retorno às origens, sobretudo em relação à vida comunitária e à assistência corporal nos hospitais e nas

casas particulares. Em relação à assistência corporal dos enfermos, em primeiro lugar, era preciso superar a radical polarização da atividade dos religiosos na assistência espiritual, considerada como o “primeiro e principal fim do Instituto de São Camilo”; em segundo, era dada pouca importância aos irmãos, temendo-se que houvesse um maior número de irmãos do que sacerdotes. Em relação à vida comunitária, reinava um grande pessimismo entre os próprios membros do Governo Central, para quem era quase impossível, dados os tempos, reconduzir as comunidades à observância da vida comunitária. Mas havia um apoio por parte dos bispos, que recordavam aos religiosos o seguinte: “sem vida de comunidade, o espírito languescer”.

Devido à supressão das Ordens Religiosas pelo governo italiano (1866), que proibiu os religiosos de praticarem o ministério da saúde nos hospitais públicos, a Ordem camiliana caiu em um estado de penosa languidez, paralisando o desenvolvimento começado pelo Pe. Bresciani. Contudo, graças aos religiosos da província Lombardo-Vêneta, a expansão se deu em outros países como França, erigida como Província, e houve a fundação missionária na África Central. Tal experiência missionária serviu como meio de reanimação da vivência do carisma camiliano, que havia caído no marasmo espiritual, e durou cerca de dez anos (1867 a 1877). Foi um sinal de esperança para o caminho de toda a Ordem. No século XX, através das missões florescentes, edificou-se nosso Instituto, o que lhe deu uma dimensão de globalidade que podemos contemplar agora em todo o seu esplendor. Há a superação dos limites italianos e europeus, movimento iniciado com a supressão dos Institutos Religiosos. A Ordem se expandiu e se tornou presente em todos os continentes, inclusive na América, mais especificamente no Brasil.

5 – Como surgiu a ideia da fundação no Brasil

Pe. Júlio S. Munaro, M.I.

É oportuno nos referirmos antes, com sentimento de estima e de gratidão, à pessoa do Mons. Dr. Camilo Passalacqua. Ele foi, podemos dizer, o precursor da fundação camiliana no Brasil.

Levara o nome de nosso Santo. Foi certamente por esse motivo que o venerava pessoalmente e zelava seu culto publicamente, seja na casa Pia São Vicente, por ele fundada, instituindo a Escola de Enfermagem São Camilo, construindo um altar dedicado a São Camilo na igreja semipública do Instituto, seja na capela do *Instituto João e Rafaela Passalacqua*, colocando estátua e vitral representando nosso santo.

Monsenhor Camilo achava-se na Itália, em 1914, em tratamento de saúde. Pediu a nossos Superiores Maiores uma fundação regular, que lhe foi negada por falta de pessoal. Não sendo possível isso, comprou uma estátua de São Camilo e viajou com ela. Como ele dizia, “bom companheiro de viagem, que me restabeleceu de saúde e me salvou dos possíveis perigos dos mares, infestados pelas insídias da guerra”. Essas tentativas e práticas representam como que os preâmbulos da vinda oficial dos Camilianos, que se deu em 1922.

Tudo começou bem à camiliana, num hospital de Pádua, com um sacerdote doente, Teófilo Sanson, pároco em Sete Lagoas, Arquidiocese de Mariana, e os capelães que o deixaram edificado, com seu zelo pastoral. Sugeriu-lhes uma fundação na sua diocese, oferecendo sua casa paroquial como residência inicial. O superior da comunidade, Pe. João Lucca, interessou-se pela proposta. Era fevereiro de 1922, mês da conversão de São Camilo, ponto de partida de uma “nova escola de caridade”, uma “plantinha” que, segundo o Fundador, estenderia seus ramos pelo mundo.

O Pe. Teófilo escreveu ao Arcebispo de Mariana, Dom Silvério Gomes Pimenta, sugerindo que convidasse os camilianos para sua Arquidiocese. No dia 23 de março, D. Silvério escreveu ao Pe. João Lucca formalizando o convite.

A carta chegou às mãos do superior geral, Pe. Alfonso Maria Andrioli, que a interpretou como “vontade de Deus” e não se manteve indiferente. No dia 3 de maio, escreveu uma circular às províncias da Ordem, na esperança de encontrar quem acolhesse o convite, “reconhecendo nele como que uma voz da providência que nos chama a socorrer os doentes do Brasil”, invocando em favor de seu apelo o elo missionário suscitado pelo recém-falecido Bento XV e com a esperança de ver “multiplicadas as nossas vocações”.

O primeiro passo para a chegada dos Camilianos no Brasil foi dado em Roma, na Itália, no fim de junho de 1922, quando os padres camilianos Inocente Radrizzani e Eugênio Dallagiacoma foram designados a cumprir a santa e nobre missão de fundar uma colônia dos filhos de São Camilo em Mariana-MG. Apanhado de surpresa, Pe. Inocente Radrizzani pensou em seu velho sonho de expandir o reino da caridade camiliana fora da Europa e acatou o desafio, mesmo com a incerteza de um êxito feliz. “Se é vontade de Deus, estou às suas ordens” essa foi a resposta do Pe. Inocente que, acompanhado do Pe. Eugênio, iniciou os preparativos para a partida.

Pe. Teófilo Sanson, que prometera acolhida aos camilianos, faleceu na Itália, antes que os dois partissem. Ao chegar a Gênova para o embarque, souberam que D. Silvério estava em agonia. Tiveram, porém, o conforto de duas cartas que lhes foram entregues antes de partir: uma do Pe. Roque Ferroni e outra do Pe. Enrique Rebusquini. Embarcaram no dia 29 de agosto e o arcebispo morreu no dia 30, mas os dois atravessaram o Atlântico sem saber do fato.

Depois de atravessarem o Atlântico, desembarcaram em Niterói, em 15 de setembro, e foram acolhidos pelos salesianos, que haviam viajado com eles, em seu colégio Santa Rosa, considerado o primeiro ponto de apoio dos Camilianos no Brasil.

No dia 16 de setembro, Pe. Inocente e Pe. Eugênio partiram para Mariana e somaram mais três cansativos dias de viagem ao roteiro. Na chegada à cidade, foram recebidos pelo bispo auxiliar, Vigário Capitular, que os acolheu com fraternidade. Porém, cinco dias depois, Pe. Inocente embarcava, sozinho, de volta ao Rio de Janeiro, - deixando Pe. Eugênio em Mariana, como medida de poupar dinheiro que era escasso -, para tratar da instalação da missão camiliana no Rio, já que o tempo vivenciado na cidade mineira foi o suficiente para compreender que lá não era o lugar ideal para

iniciar a fundação e para ser convencido disso. No Rio de Janeiro, muitos foram os desencontros e poucos os resultados. Com a ajuda do secretário do Arcebispo de São Paulo, Pe. Alfredo Mecca, Pe. Inocente continuou sua trajetória, dessa vez com destino a São Paulo para apresentar ao Arcebispo D. Duarte Leopoldo, que num primeiro encontro, ainda no Rio, foi pouco animador, um memorial sobre a Ordem e suas atividades.

Em São Paulo, acolhido pelo Liceu Coração de Jesus, Pe. Inocente percebeu que essa cidade era promissora e poderia transformar-se num imenso campo de atividades camilianas, o que fez Pe. Eugênio também deixar a pequena cidade de Mariana.

De hóspedes dos salesianos passaram para os capuchinhos, no convento da Imaculada Conceição, na Av. Brigadeiro Luís Antônio, onde permaneceram até 10 de fevereiro de 1923, data em que os frades cederam a capelania do Hospital Humberto I, da colônia italiana. Pe. Eugênio a assumiu no dia 15 de novembro do mesmo ano, sendo considerado o início oficial das atividades camilianas no Brasil.

6 – Breve histórico das comunidades religiosas da Província Camiliana Brasileira

Vamos apresentar, nesse momento, um breve histórico da Província Camiliana Brasileira, a partir das comunidades religiosas e residências, ao longo desses quase 100 anos de história. Conhecendo seus primeiros passos, teremos consciência do ministério desenvolvido pelos nossos religiosos. Momento importante para olhar ao passado com gratidão.

Primeiramente vamos apresentar as Comunidades ativas e na sequência as Comunidades supressas.

6.1 COMUNIDADES ATIVAS

Comunidade Nossa Senhora do Rosário de Pompeia

A fundação da Casa da Pompeia está intrinsecamente vinculada à história da chegada dos Camilianos no Brasil, vindos em setembro de 1922, para atender ao apelo que fizera o Superior Geral, Pe. Alfonso Maria Andrioli, às Províncias da Itália. Pe. Andrioli buscava responder ao pedido de Dom Silvério Gomes Pimenta - Arcebispo de Mariana – MG e à Igreja em Roma, que incentivava a expansão das missões católicas no mundo.

Os desencontros da chegada se encontram detalhados nos depoimentos do Pe. Inocente Radrizzani, nos livros: *Pe. Inocente Radrizzani – fundador dos religiosos no Brasil e Reminiscências Históricas da Fundação Camiliana no Brasil e algumas das suas anotações*.

Fato é que a Província Lombardo-Vêneta enviou padres com formação sólida no carisma da Congregação de São Camilo, com visão prospectiva de futuro, perseverantes, audazes em organizar redes de apoio e eficientes nos empreendimentos a que se propuseram.

Após os reveses de Mariana, em Minas Gerais, e a disposição calorosa do Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme, para que se instalassem na cidade, o encontro casual com o Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, ainda naquela capital, foi providencial para que rumassem para a cidade de São Paulo.

Em São Paulo, com o apoio dos Salesianos, uma busca diligente por hospitais para instalar capelanias e visita a igrejas como base de apoio (1922-1923), os primeiros resultados se fizeram presentes. Em 15 de novembro de 1922, foi aceita a capelania do Hospital Humberto I. Em fevereiro de 1923, numa casa alugada da Rua São José n. 9, foi instalada a Casa religiosa de São Paulo. No dia 03 de maio de 1923, Pe. Inocente Radrizzani foi eleito Superior do Brasil. Em 17 de julho de 1923, para garantir oficialmente a presença da Ordem perante a lei do Estado Brasileiro e futuras aquisições foi fundada a Sociedade Beneficente São Camilo, publicada no Diário Oficial de 24-31/7/1923, da qual era o Pe. Inocente Radrizzani presidente e Secretário Pe. Sylvio Silvestri.

Estas iniciativas atentas chegaram ao Arcebispo Metropolitano, Dom Duarte Leopoldo e Silva, muito sensibilizado com os esforços. De modo que, em 21 de janeiro de 1924, um Alvará foi expedido pela Cúria Metropolitana cedendo à Congregação de São Camilo o usufruto perpétuo da Capela de Nossa Senhora do Rosário de Pompeia e as dependências, no incipiente bairro de Vila Pompeia, residência matriz.

Ainda em março de 1924, foi comprado um lote adjacente ao da Cúria Metropolitana para se instalar a Casa da Pompeia. Também foi assumida a capelania do Sanatório de São José dos Campos. De 05 a 28 de julho de 1924, quando irrompeu a revolução do General Isidoro Dias em São Paulo, organizou-se uma assistência de víveres e pouso aos fugitivos da Revolução com base na experiência vivida da primeira Guerra Mundial.

Em 1925 tiveram início as obras sociais do ambulatório. Em 1928, foi lançada a pedra do Santuário N. Sra. do Rosário de Vila Pompeia. Inaugurou-se o Consultório São Camilo, com atendimento gratuito aos pobres. Em 1933 se implantou a Escola Apostólica.

Em 1942, a Casa de Vila Pompeia se constituía num complexo de atividades que envolviam o Santuário, com um centro de devoção a São Camilo e à Virgem do Rosário, um Seminário para os cursos superiores, a Policlínica já em processo de transformação para o futuro Hospital São Camilo.

Foi sobre esses pilares e com as iniciativas em fase de consolidação e construção das Casas de Jaçanã – SP, Iomerê – SC e Rio de Janeiro que o Comissário Provincial e a equipe de religiosos dedicados assentaram e proporcionaram a ereção canônica da Província Camiliana Brasileira, em 12 de abril de 1946, aprovada pelo Conselho Geral, assinada pelo Superior Geral Pe. Florindo Rubini.

A Casa da Pompeia é a Casa-mãe da Província Camiliana Brasileira.

Atividades: Casa provincial, animação vocacional, capelanias e atividade paroquial

Comunidade São Luiz de Iomerê¹ - SC

A chegada em Iomerê deu-se 13 anos depois da Casa de Vila Pompeia e da vinda dos primeiros religiosos que se instalaram em São Paulo, com o propósito de realizar a Missão Camiliana no Brasil. Findo o ano de 1933, do total de vinte e dois postulantes paulistas, somente dois perseveraram, Pe. Antonio Longato e Miguel Fernandes.

Foi então que, em 1934, Pe. Sylvio Silvestri fez uma viagem de sondagem vocacional à região de Santa Catarina, ao longo da linha férrea SP-RG. Os camilianos foram atraídos pelas informações da religiosidade daquelas comunidades e pela facilidade da língua, uma vez que eram descendentes de imigrantes italianos. Voltou a São Paulo com quatro aspirantes, entre eles Pe. Albino Baretta, que perseverou. A história desse processo encontra-se relatada pelo Pe. Inocente Radrizzani, no livro *Reminiscências Históricas da Fundação Camiliana no Brasil*, p. 111-120.

Ainda em 1934, Pe. José Garzotti iniciou tratativas com o vigário de Rio Capinzal, Pe. Michelizza, que dera seu apoio aos camilianos, visto que a comunidade de Iomerê queria um pároco que falasse o mesmo dialeto e também porque a cultura da região facilitava recrutar vocações. De modo que Pe. José Garzotti, em 1934, foi deslocado para a missão e teve um bom êxito.

Outro fator positivo foi um movimento “pro paróquia” de Iomerê, que pleiteou um pároco junto ao Bispo Diocesano, Dom Daniel Hostin. Este

1 Iomerê recebeu várias denominações, que constam dos relatos do Pe. Radrizzani.

concordou ceder a capela de São Luiz, e foi então que, no início da construção, Pe. José Garzotti exigiu ampliar a casa paroquial para que fosse instalada uma pequena Escola Apostólica e, num futuro próximo, o Seminário.

Nesse percurso, destaca-se a transferência do Irmão Antônio Guzzetti, em 06 de abril de 1935, que não se limitou aos trabalhos da igreja e da Casa, ocupando-se também de atender a saúde daquela população, o que granjeou grande simpatia das pessoas.

No ano de 1935, Pe. Inocente Radrizzani, que havia retornado ao Brasil, depois de seis anos de ausência, no cargo de Superior de duas Províncias na Itália realizou uma visita a Iomerê. Percebeu que seria um desafio a instalação da Escola Apostólica, pois havia falta de água canalizada, energia elétrica, entre outras dificuldades de infraestrutura, e de pessoal para lecionar.

De modo que o Pe. Inocente Radrizzani transferiu-se para Iomerê, antes deixando o Pe. José Simoni como Superior substituto em São Paulo. Com isso, inaugurou, em 10 de janeiro de 1936, a Escola Apostólica; destinou Pe. Sylvio Silvestri para lecionar aos alunos e liberou Pe. José Garzotti para a missão de busca de novos vocacionados.

Em 27 de novembro de 1936, o Conselho Geral – prot. 352/36 - erigiu a Escola Apostólica e, no prot. 355/36, a Casa de São Luiz, sendo as duas autorizações assinadas pelo Superior Geral, Pe. Florindo Rubini.

Sabendo que Pe. Florindo Rubini tinha a intenção de fazer a visita canônica ao Brasil, Pe. Inocente Radrizzani, ainda em 1936, pediu a antecipação da viagem, uma vez que o Superior Geral, usando as faculdades que lhe eram atribuídas, podia determinar decisões no curso da Visita Canônica. E para o sucesso e consolidação da iniciativa, era preciso encurtar o processo de decisão.

Assim, em 22 de janeiro de 1937, Pe. Florindo Rubini chegou a Iomerê e elegeu Pe. Inocente Radrizzani como Comissário (cargo equivalente a Superior Provincial) das Casas do Brasil e Superior da Casa de São Luiz, aprovando assim a transferência forçada de Pe. Inocente Radrizzani para garantir o bom andamento da iniciativa na região Sul do país. Ainda reforçando a presença camiliana, trouxe Pe. José Bet como Diretor dos seminaristas de Iomerê.

Atividades: Casa de formação, atividade paroquial e atividade ambulatorial

Comunidade Santa Cruz de Santos - SP

Conforme relato do Pe. Inocente Radrizzani, nos livros *Pe. Inocente Radrizzani, fundador dos religiosos camilianos no Brasil e Reminiscências Históricas da Fundação Camiliana no Brasil*, as sondagens para a instalação dos camilianos em Santos começaram ainda em 30 de agosto de 1923.

As tratativas seguiram até 1925, período em que foi criada a Diocese de Santos. Nesse mesmo ano, foram firmados dois documentos: um com a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, para a prestação do Serviço Religioso, e uma Convenção com a Câmara Eclesiástica da Diocese, assinada em 20 de maio de 1925.

O primeiro capelão foi Pe. Camilo de Carlo, que assumiu em junho de 1925, depois substituído pelos Pe. Eugênio Dallagiacomia e Pe. Sylvio Silvestri. Nesse período, houve a tentativa de se estabelecer uma Residência, mas, com a visita canônica em 1927 do Pe. Geral Pio Holzer, avaliaram-se as dificuldades, e ficou postergada a iniciativa, embora o trabalho continuasse a ser desempenhado com perseverança.

Em agosto de 1950, houve a transferência do Pe. Domingos Gava para a Santa Casa de Santos, e assim, entre setembro e dezembro, foram retomadas as tratativas com o Bispo Dom Idílio Soares para a ereção da comunidade canônica, atendimento do ministério espiritual da Santa Casa e assunção da Capela da Santa Cruz, que ocorreu no início do provincialado do Pe. João Grimaz.

Ainda em 14 de setembro de 1950, tomou posse como Reitor da Capela de Santa Cruz Pe. Antonio Longato, nesse interim, aguardava o Uso de Ordens, a aprovação de ereção da comunidade e a autorização do atendimento aos hospitais: Santa Casa e Sanatório Guilherme Álvaro.

A Comunidade de Santa Cruz foi erigida pelo Conselho Geral, em 17 de abril de 1951, e assinada pelo Superior Geral Pe. Carlos Mansfeld.

Em 1953, durante o segundo provincialado do Pe. Domingos Gava, foi eleito como Superior da Casa o Pe. Albino Doná, tendo sido reconfirmado em 1954 e 1955.

Atividades: capelarias e atividade paroquial

Comunidade São Camilo do Rio de Janeiro – RJ

No relato sobre a chegada dos padres Inocente Radrizzani e Eugênio Dallagiacoma ao Brasil, em 1922, quando desembarcaram no Rio de Janeiro então capital do país, nota-se que a primeira impressão era de expectativas, de oportunidades que poderiam se abrir.

No entanto, as dificuldades impostas pela morte de Dom Silvério, Arcebispo de Mariana, que havia solicitado presença camiliana em terra brasileira, e pela indiferença da Nunciatura Apostólica, que demonstrou pouco interesse pela Missão Camiliana, fizeram com que as iniciativas se voltassem para a cidade de São Paulo. As idas e vindas estão descritas no livro: *Pe. Inocente Radrizzani, fundador dos religiosos camilianos no Brasil*, p. 34-42.

O fato é que o desejo de estar nos grandes centros de atividades aguardaria o momento oportuno, e, por outro lado, era necessário não dispersar forças e consolidar as iniciativas para o sucesso da missão. Por volta de 1932, Dom Sebastião Leme da Silveira, Arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, fez um pedido de fundação. Entretanto a urgência das vocações e das iniciativas em curso, em São Paulo, ficaram em primeiro plano.

Em 1938, aproveitando uma viagem ao Rio de Janeiro para solicitar auxílio pecuniário junto aos Departamentos Governamentais para Policlínica São Camilo e futuro hospital, os padres Inocente Radrizzani e João Caruzzi sondaram a situação espiritual nos hospitais, conforme publicado no livro: *Reminiscências Históricas da Fundação Camiliana no Brasil*, p. 121-126.

Ainda em janeiro de 1939, o Superior Geral Pe. Florindo Rubini aconselhou a não se contar com os padres da Província Lombardo-Vêneta por um período. No entanto, em 17 de abril, o Provincial Lombardo-Vêneta Pe. Camilo Simoni, a quem o Comissariado Brasileiro estava vinculado, durante sua visita canônica, reconsiderou a decisão. Designou Pe. Ludovico Zanol para iniciar o atendimento a duas capelanias – Hospital Estácio de Sá e Hospital dos Lázaros, atendendo ao pedido do Sr. Cardeal, Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra.

Em 10 de maio de 1939, foi fundada a Casa do Rio de Janeiro, depois de realizadas as tratativas com a Arquidiocese do Rio de Janeiro. Em 06 de junho de 1941, o Conselho Geral aprovou a ereção canônica, assinada pelo Superior Geral, Pe. Florindo Rubini, como consta do Livro das Crônicas. A

Casa foi criada tendo Pe. Albino Tonelato como Superior, Pe. Bruno Maurer como ecônomo e o Irmão Augusto Ravanelli.

Em 1942, conseguiu-se comprar um imóvel no bairro da Tijuca para ser o centro de irradiação da vida camiliana.

Cabe registrar que o Conjunto Sanatorial de Curicica foi assumido por Pe. Ernesto Cadore como capelão, o qual, em 1953, escreveu um relato pormenorizado da situação de saúde naquela comunidade.

Em 1956, foi lançada a Primeira Pedra do Santuário de São Camilo de Lellis pelo Provincial Domingos Gava, nomeando-se Pe. João Grimaz como Superior e Pe. José Bet como Ecônomo.

Com relação à Curicica, em 1966 foi fundada a Igreja N. Sra de Lourdes e a Casa Paroquial, formando uma Residência, assumida por Pe. Rino Contardi. Em 1982, no provincialado de Pe. Dyonisio Costenaro, foi aberto o Seminário Camiliano, contando-se com a transferência de Pe. Heitor Nicolodi para o empreendimento.

Atividades: capelanias, santuário, ambulatório, casa de formação, atividade paroquial

Comunidade São Pio X da Granja Viana

As tratativas de aquisição do terreno foram realizadas em setembro de 1952, durante o provincialado de Pe. João Grimaz, quando Cotia, município sede da Granja Viana, ainda fazia fronteira com Itapecerica da Serra².

Em 30 de abril de 1955, um esboço da futura Casa de Formação foi apresentado ao provincial Pe. Domingos Gava, e ainda nesse ano foi constituída uma Comissão Executiva das Obras, tendo à frente Pe. Bruno Casara e Sr. Niso Viana, que representavam a Sociedade Beneficente São Camilo – Instituto de Educação e Aprendizado Rural “São Pio X”.

O provincial Pe. Domingos Gava, em 1958, assinou o convênio com a Associação Santa Terezinha³, para prestação de serviço religioso e assistencial e, ainda em dezembro, implantou o Ministério Eclesiástico na Granja Viana.

² Posteriormente o município foi desmembrado e atualmente é Embu das Artes que se encontra no limite da Granja Viana que pertence a Cotia.

³ É uma associação que cuida dos filhos de hansenianos, em Carapicuíba –SP.

A publicação do *Boletim Vida Camiliana*, out/1959, p. 32, relata que o Pe. Luís Lorenzi prosseguia com os trabalhos de acabamento do Seminário para ser habitado no ano seguinte pelos postulantes, coadjuvado pelo Pe. Angelo Pasqual, então nomeado vigário ecônomo da Paróquia Santo Antônio.

Em 07 de janeiro de 1960, o Bispo Auxiliar e Vigário Geral, Dom Paulo Rolim Loureiro, da Arquidiocese de São Paulo, assinou a provisão para a abertura da Casa Religiosa da Granja Viana. No dia 21 de janeiro de 1960, os postulantes do curso ginásial e clássico foram transferidos para a Casa.

Em seguida, no dia 05 de fevereiro, o Conselho Geral aprovou a ereção da Casa religiosa do Instituto Camiliano São Pio X, assinada pelo Pe. Carlos Mansfeld. Como Superior da Casa São Pio X foi nomeado Pe. Anísio Borges de Queiroz, e Pe. Pedro Mayer tomou posse como vigário da Paróquia Vila Santo Antônio, conforme *Boletim Vida Camiliana*, mar/1960, p. 31-32.

Durante o provincialado do Pe. Julio Munaro, foram realizadas as tratativas para a ereção da casa do Noviciado e, em 14 de janeiro de 1974, a Consulta Geral aprovou a solicitação, assinada pelo Vigário Geral – Pe. Joseph Bressanin, com o título “Granja Viana – Cotia SP – Vila Santo Antonio – Casa San Pio X”. Pe. Ramiro Pastore foi indicado como Superior do Noviciado.

Atividades: casa de noviciado, promoção vocacional, assistência pastoral e religiosa no Recanto São Camilo e atividade formativa.

Residência São Camilo de Belo Horizonte - MG

No segundo provincialado, de 31/08 a 03/09/1953, o Provincial Pe. Domingos Gava e Pe. Antonio Lazzari foram a Belo Horizonte estudar as condições para uma possível fundação em Minas Gerais.

Ainda em junho de 1960, o Provincial Pe. Calisto Vendrame realizou nova visita para explorar possibilidades de fundação em Belo Horizonte.

Durante o ano de 2015, no provincialado do Pe. Antonio Mendes Freitas, iniciaram-se as tratativas para a instalação da Comunidade São Camilo, na Arquidiocese de Belo Horizonte, com a finalidade de acolher os estudantes de teologia.

Em 01 de fevereiro de 2016, o Arcebispo Metropolitano, Dom Walmor Oliveira de Azevedo, assinou a Licença para abertura de Casa. A residência de Belo Horizonte é ligada à Comunidade São Pio X – Granja Viana, e, à medida que for construído o seminário para os estudantes de filosofia e de teologia, será solicitada sua criação como Comunidade religiosa.

Atividades: casa formativa para os estudantes de teologia

Comunidade São Camilo de Pinhais - PR

As primeiras atividades dos camilianos em Curitiba tiveram início a partir de 4 de dezembro de 1961, com a presença do Pe. Rino Contardi, que assumiu a capelania do Hospital de Clínicas, e posteriormente com o Pe. Hugo Gelain, em 27 de fevereiro de 1965, assumindo a capelania do Hospital do Cajuru.

Durante o provincialado do Pe. Julio Munaro, em 27 de novembro de 1966 foi solicitada ao Arcebispo de Curitiba, D. Manuel Silveira D’Elboux, licença por escrito para erigir a Comunidade religiosa na então Estância de Pinhais, município de Piraquara, situado na grande Curitiba, com a finalidade de instalar o noviciado e, por dois ou três anos o escolasticado para filósofos.

A ereção com o nome de Casa de Curitiba foi autorizada em 08 de janeiro de 1967 pela Conselho Geral e assinada pelo Superior Geral, Pe. Forsenio Vezzani. Foi nomeado o Pe. Atilio Pellegrinello como primeiro Superior da Casa, conforme consta publicado no *Boletim Vida Camiliana*, março de 1967, p. 2.

Cabe lembrar que a Consulta Geral, nessa mesma data, transferiu o noviciado da casa de Vila Pompeia para a Casa São João Batista, em Curitiba. Também se destaca nesse ano a inauguração do prédio do seminário, com o nome de Instituto São João Batista. O nome da Casa São João Batista, posteriormente foi trocado para Comunidade São Camilo.

Atividades: casa de formação, noviciado, capelarias e atividade paroquial

Comunidade São Camilo de Brasília - DF

Em abril de 1959, no provincialado de Pe. Domingos Gava, os padres Niversindo Cherubin e Rino Contardi seguiram para Brasília em prospecção, para implantar uma fundação dos Camilianos. Foram os responsáveis pelos contatos junto à Novacap – Cia. Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, empresa pública, gerenciadora e coordenadora da construção de Brasília, criada em 1956 pelo presidente Juscelino Kubitschek.

O Provincial Pe. Calisto Vendrame esteve presente na inauguração da capital, em 21 de abril de 1960, e, nos meses de maio e junho, continuaram as tratativas com a Nunciatura Apostólica no Brasil para que os Camilianos ali se estabelecessem.

No dia 18 de maio de 1961, a convite do Arcebispo de Brasília, Pe. Calisto Vendrame deu prosseguimento para que os camilianos assumissem o serviço religioso do Hospital Distrital de Brasília, nomeando, em 05 de junho, Pe. Novarino Brusco como 1º capelão do Hospital.

Em 1962, substituindo Pe. Novarino, que assumira a função de ecônomo da Província, seguiu para Brasília o Pe. Severino Ravanelli. Entretanto, em 1963, Pe. Novarino deixou o cargo e retornou definitivamente ao Hospital Distrital.

Em 1968, durante o provincialado de Pe. Julio Munaro, seguiram as tratativas para a construção de uma capela que serviria de base ou sede da paróquia hospitalar de Brasília, ficando Pe. Novarino Brusco encarregado do acompanhamento.

Em 1976, durante o provincialado de Pe. Calisto Vendrame, foi constituída a Comunidade de Brasília. Em 25 de março desse ano, foi erigida canonicamente a Casa de Brasília pelo Conselho Geral, autorização assinada pelo Superior Geral, Pe. Henrique Dammig.

Em 12 de outubro de 1979, a Cúria Metropolitana de Brasília expediu o decreto de criação da Paróquia de São Camilo de Lélis.

Atividades: capelarias e atividade paroquial

Comunidade São Luiz e São Camilo de Macapá - AP

Resultou frutífero o contato entre o leigo missionário religioso, Dr. Marcelo Candia, e o provincial Pe. Julio Munaro, em 1971, visando enfrentar os problemas administrativos e financeiros do hospital particular implantado por ele em Macapá, desde os anos de 1960.

O *Boletim Informativo da Província*, mar/1972, p. 7-9, relata que, após as incertezas da missão camiliana no Amapá, o Conselho Provincial aceitou o trabalho na Prelazia do Macapá, tendo sido assinado, em 27 de janeiro de 1972, um contrato de administração com o hospital.

Assim, os padres Raul Matte (médico), Lydio Milani (enfermeiro) e Ângelo Pasqual (administrador) constituíram a primeira equipe camiliana enviada em março de 1972 para Macapá. O Conselho Provincial, sabendo das dificuldades do hospital, enviou reforços de profissionais voluntários da área da saúde, técnicas e auxiliares de enfermagem, entre elas a Irmã Maria do Socorro, que chegou em 12 de fevereiro de 1972, conforme citado no livro *Missões Camilianas na Foz do Rio Amazonas*.

No ano de 1975, os camilianos assumiram a administração do Hospital, e Dr. Marcelo Cândia abriu uma outra frente missionária de atendimento aos portadores de hanseníase, avançando no contato com as populações ribeirinhas e indígenas no interior do Amapá. Sobre essa base de trabalho, em 1989 seria criado o Projeto Missões Camilianas na Foz do Rio Amazonas, coordenado pelo Pe. Raul Matte.

Em 25 de março de 1976, após as tratativas com a Prelazia do Macapá, o provincial Pe. Julio Munaro solicitou à Cúria Geral a criação da Casa. O Conselho Geral aprovou a ereção canônica da Casa do Macapá – anexa ao Hospital-Escola São Camilo e São Luís, assinada pelo Superior Geral, Pe. Henrique Dammig.

No dia 10 de maio de 1976, o Conselho Provincial nomeou como Superior da Comunidade Pe. Raul Matte e Pe. Luiz Gemelli como Ecônomo.

Em 14 de janeiro de 1983, o Bispo da Diocese de Macapá, Dom José Maritano, aprovou a ereção do Seminário São Camillo de Lellis. O Superior Geral, Pe. Calisto Vendrame, dedicou uma mensagem, publicada no *Boletim Informativo da Província de jan-mar/1983*, p. 2-3.

Atividades: administração hospitalar, capelania, casa de formação, atividade pastoral e missionária.

Comunidade São Camilo da Lagoa Redonda – Fortaleza - CE

Durante as comemorações do Bicentenário de canonização de São Camilo (1746-1946), o *Boletim Vida Camiliana n. 7, de setembro de 1946*, registrou que uma fervorosa devota do Santo Padroeiro dos Enfermeiros e a Liga de Ação da Católica da capital cearense organizaram o evento comemorativo. Com apoio do Pe. Guilherme Nassen, realizou-se uma importante cerimônia e, no mesmo dia, no Sindicato dos Enfermeiros foi colocado um quadro de São Camilo, como ponto final das comemorações.

Em 05 de maio de 1997, o Provincial Pe. Geraldo Bogoni solicitou ao Arcebispo de Fortaleza, Dom Cláudio Hummes, o consentimento para instalar a Casa de Formação, em Lagoa Redonda.

Em junho de 1997, o Conselho Geral erigiu canonicamente a Comunidade São Camilo da Lagoa Redonda, decisão assinada pelo Superior Geral, Pe. Angelo Brusco.

Como primeiro Superior foi eleito Pe. Camilo João Munaro.

Atividades: casa de formação, capelanias, atendimento social à comunidade local.

Comunidade São Camilo de Cachoeiro de Itapemirim - ES

Em 1956, o Provincial Pe. Domingos Gava e o Pe. Ambrósio Zoia visitaram Vitória do Espírito Santo e Guarapari para examinar a possibilidade de oferta de uma futura paróquia. Em 19 de novembro desse ano, em Guarapari, Pe. Ambrósio Zoia assumiu a paróquia como vigário, em missão experimental, permanecendo lá até 17 de março de 1957 e depois retornou ao Rio de Janeiro.

Em 1989, por interesse do serviço da Educação, a presença camiliana se fez presente no município de Cachoeiro de Itapemirim.

Em 05 de outubro de 2007, no provincialado do Pe. José Maria dos Santos, o Conselho Geral aprovou a ereção da Comunidade em Cachoeiro de Itapemirim – ES. Era Superior Geral Pe. Renato Salvatore, sendo nomeado como Superior local o Pe. Américo Pinho de Cristo.

Atividades: Centro Universitário São Camilo, capelania e atividade paroquial

Comunidade Henrique Rebuschini – São Paulo - SP

Em 29 de abril de 2008, o Provincial Pe. José Maria dos Santos solicitou ao Arcebispo de São Paulo, Dom Odilo Pedro Scherer, o consentimento de abertura da Comunidade, e, em 21 de maio 2008, a licença foi aprovada.

Essa Casa é destinada aos religiosos administradores e foi erigida canonicamente pelo Conselho Geral em 09 de julho de 2008, assinada pelo Superior Geral, Pe. Renato Salvatore.

O Pe. Mário L. Kozik foi nomeado o primeiro Superior e Pe. Antonio M. Freitas como ecônomo.

Atividades: atividades administrativas na saúde e educação e assistência espiritual em hospitais, casa provincial.

Comunidade Santo Cura D’Ars – Fortaleza - CE

Em setembro de 2010, no provincialado do Pe. Leocir Pessini, foi solicitada a ereção da comunidade Santo Cura D’Ars, com o propósito de congregar os religiosos administradores dos hospitais camilianos da região Norte e Nordeste e os capelães que atendiam aos hospitais de Fortaleza.

O Conselho Geral, em 15 de dezembro de 2010, aprovou a ereção, e a concessão foi assinada pelo Superior Geral, Pe. Renato Salvatore.

O primeiro superior foi o Pe. Francisco Alves dos Santos.

Atividades: administrativas na saúde, capelanias e pastoral da saúde

Comunidade São Camilo de Concórdia - SC

O Pe. Osmar Eugênio Penso, em setembro de 2014, foi transferido para a Comunidade de Iomerê, mas residindo em Concórdia – SC, devido às atividades de gestão da Beneficência Camiliana do Sul.

O Pe. Américo Pinho de Cristo, em setembro de 2014, foi transferido para a comunidade de Iomerê, mas com residência em Concórdia, com a missão da coordenação da Pastoral da Saúde nos hospitais camilianos da região sul.

Em abril de 2018, foi transferido para Concórdia o Pe. Camilo João Munaro com a missão de integrar a nova Comunidade e auxiliar na capelania do Hospital São Francisco.

Assim, o Pe. Antonio Mendes Freitas solicitou ao bispo de Joaçaba - SC, Dom Mário Marquez, o consentimento de abertura da Comunidade. Oficialmente a comunidade foi erigida pelo Conselho Geral em 29 de março de 2018. Assinado pelo Superior Geral o Pe. Leocir Pessini.

O primeiro superior da comunidade nomeado foi o Pe. Américo Pinho de Cristo.

Atividades: administrativas na saúde, capelania e pastoral da saúde

Delegação Norte-Americana

No ano de 2008, os coirmãos da Província Camiliana Norte-Americana, que havia sido fundada em 1920 e erigida canonicamente em 1946, manifestaram o desejo de supressão da Província e o propósito de unir-se à Província Camiliana Brasileira, numa expectativa futura de vir a ser refundada.

Após as tratativas, envolvendo a Cúria Geral, com os provinciais brasileiros, Pe. José Maria dos Santos e Pe. Leocir Pessini, a Província Norte-Americana foi suprimida e tornou-se uma Delegação sob a direção da Província Brasileira.

Assim, em 13 de abril de 2011, o Conselho Geral incorporou a Delegação Norte-Americana à Província Camiliana Brasileira. Era Superior Geral Pe. Renato Salvatore.

Para integrar a Delegação dos Estados Unidos foram para lá Pe. Pedro Tramontin e Pe. Leandro Jeronimo Blanco. Pe. Alexandre Andrade Martins também foi para a Delegação a fim de dedicar-se ao estudo e a atividades acadêmicas.

Em junho de 2013, foi nomeado Delegado Provincial da Delegação Camiliana dos Estados Unidos o Pe. Pedro Tramontin e em 02 de junho de 2017 foi confirmado na função.

Atividades: atividade administrativa, capelarias, atividades pastorais, formação de novos capelães.

6.2 COMUNIDADES SUPRIMIDAS

Seminário Papa João XXIII de Assis Chateaubriand - PR

Durante o provincialado do Pe. Julio Munaro, a expansão vocacional foi o motivo de a Província começar o trabalho ainda em 1965 em duas paróquias, no oeste do Paraná, na Diocese de Toledo: Assis Chateaubriand (ex-Tupãssi) e Vila Nova. Assim informou a publicação *Boletim Vida Camiliana*, ano 19, dezembro de 1966, n. 4, p. 230/231.

Desde 1965, Pe. Angelo Pasqual foi deslocado para iniciar os trabalhos de construção do Seminário Menor “Papa João XXIII” e para dirigir, como vigário, a paróquia de Vila Nova, construindo a nova matriz e organizando a catequese. Pe. Hilário Spader, também no mesmo período, acompanhou as obras e concentrou as atividades formativas em Assis Chateaubriand. No dia 06 de janeiro de 1967 Pe. Severino Ravanelli passou a integrar o elenco dos religiosos.

Em 08 de janeiro de 1967, o Conselho Geral erigiu canonicamente a Casa de Assis Chateaubriand e o Instituto Camiliano João XXIII, nomeando Pe. Hilário Spader como superior. No dia 16/05/1967, foi inaugurado o Seminário.

O encerramento da comunidade se deu em 1970.

Atividades: Formativa e atividades paroquiais

Comunidade Santa Terezinha de Jaçanã

Os primeiros contatos com a área do Jaçanã, na zona norte da cidade de São Paulo, coincidiram com o período da fundação brasileira da presença Camiliana no Brasil, em 1923. Num espaço de pouco tempo, os camilianos foram solicitados para novas frentes, e Capelarias de hospitais. Pe. Inocente Radrizzani relata os detalhes das tratativas, com avanços e recuos de como evoluíram até 1927, conforme publicado nos livros: *Reminiscências Históricas da Fundação Camiliana Brasileira*, p. 99-105 e *Pe. Inocente Radrizzani: fundador dos religiosos camilianos no Brasil*, p.115-121.

O resultado foi que a visita canônica, em 1927, do Superior Geral, Pe. Pio Holzer, ao Asilo dos Inválidos e ao Sanatório de Hansenianos, na área

do Jaçanã, entre outros locais, decidiu para que novos reforços de religiosos fossem destinados para atender a expansão dos camilianos. Em agosto desse ano, chegava o Pe. Alberto Maffoni confirmando que esse reforço continuaria na próxima década.

Em 1928, a Superiora do Asilo Dom Pedro II, Irmã Philomena de Lima, conseguiu uma doação de terreno próximo do Asilo, e ali se iniciou a construção da Igreja dedicada a Santa Teresinha. A igreja foi inaugurada em 25 de abril de 1930, ficando sua administração e funcionamento a cargo do Pe. Bruno Maurer, o Capelão do Asilo. Posteriormente seguiram-se as tratativas com a Cúria Metropolitana de ampliação dos serviços e ereção da paróquia que incluía o Sanatório Pe. Bento – Gopouva (município de Guarulhos), atendimento de interesse dos camilianos.

Assim, com a visita canônica do Superior Geral, Pe. Florindo Rubini, em janeiro de 1937, as condições principais para celebrar o convênio com a Cúria Metropolitana de aceitação da Paróquia tinham sido concluídas.

Em 13 de abril de 1937, era erigida canonicamente a Casa de Jaçanã com o subtítulo S. Theresiae a Jesu Infante, conforme registrado no *Livro de Decretos, p. 1*, sendo nomeado como Superior da Casa Pe. Bruno Maurer.

Os clérigos teólogos, juntamente com o Mestre Pe. Vitorio Giovannini, foram transferidos, em 21 de fevereiro de 1948, para as novas instalações do Jaçanã para iniciar o 3º ano de Teologia, durante o provincialado do Pe. Domingos Gava. E no dia 03 de agosto, receberam a visita canônica do Superior Geral, Pe. Carlos Mansfeld.

A construção do Seminário Pio XII iniciada em 1950, no provincialado do Pe. João Grimaz foi concluída e inaugurada em 30 de setembro de 1954, com capacidade para 100 seminaristas menores e maiores, filósofos e teólogos, contando com os padres Lino Beal, Carlos Pigatto, Anísio Borges de Queiroz, Novarino Brusco, para a condução dos trabalhos, conforme registra o *Boletim Informativo da Província Camiliana Brasileira, n.86, 1984*.

Na década de 70, transformou-se no Instituto Jaçanã de Psiquiatria e posteriormente, ao longo da história, o edifício assumiu outras funções como Recanto, conforme as novas necessidades surgidas.

A supressão da comunidade se deu na década de 1970.

Atividades: Casa de formação, instituto de filosofia e teologia, capelarias e atividades paroquiais

Comunidade São Camilo de Bauru - SP

A presença camiliana no município de Bauru iniciou-se em 02 de março de 1964, quando o Provincial Pe. Calisto Vendrame designou Pe. Arcídio Fravetto como 1º capelão da Santa Casa de Misericórdia.

Os entendimentos se consolidaram com o Bispo de Bauru, Dom Vicente Marchetti Zioni, por meio do decreto assinado em 16 de maio de 1965, o qual decidia a criação da Paróquia Hospitalar N. Sra. das Lágrimas e São Camilo de Lellis.

O decreto tinha mais por finalidade atender todos os estabelecimentos de saúde de Bauru, destacando-se entre eles a Santa Casa, o Sanatório de Bauru, o Sanatório Aimorés, o Hospital Sales Gomes (dos ferroviários) e o Instituto Agrícola Penal.

Para garantir os serviços religiosos, o Provincial Pe. Julio Munaro confirmou Pe. Arcídio Favretto como pároco hospitalar e Pe. Claudino Mucelin como vigário cooperador, compondo a equipe Frei Rogério Winters, O.F.M.

Ainda em 17 de novembro de 1966, Pe. Julio Munaro enviou ao Bispo Diocesano pedido da Província para a abertura da Casa religiosa. No dia 08 de janeiro de 1967, o Conselho Geral erigiu a Casa de Bauru e nomeou Pe. Arcídio Favretto como Superior, conforme consta da Ata publicada no *Boletim Camiliano, em março de 1967*, assinada pelo Superior Geral, Pe. Forsenio Vezzani.

Os camilianos permaneceram em Bauru até o ano de 1976. O Pe. Afonso Gutierrez foi o último a prestar os ofícios, quando a casa foi suprimida.

Atividade: paróquia hospitalar

Comunidade Nossa Senhora da Saúde – Pacaembu

No dia 08 de dezembro de 1966, o Provincial Pe. Julio Munaro solicitou ao Arcebispo Metropolitano de São Paulo, Dom Agnelo Cardeal Rossi, a licença para erigir uma nova Comunidade religiosa, para melhor atendimento pastoral hospitalar. Essa Comunidade compreendia os religiosos que prestavam serviços nos hospitais: Servidor Público do Estado,

Hospital Matarazzo, Instituto Paulista, Santa Casa e Hospital das Clínicas. A cópia desse documento foi enviada diretamente a Roma.

Aprovada pelo Conselho Geral em 08 de janeiro de 1967, a Ata lavrada foi assinada pelo Superior Geral, Pe. Forsenio Vezzani, que erigiu canonicamente a “Casa Nossa Senhora da Saúde”, conforme consta da publicação do *Boletim Vida Camiliana, Ano 20, março de 1967*. Também nessa mesma Ata consta a nomeação de Pe. Ivo Gelain como Superior da Casa.

No provincialado do Pe. Dyonisio Costenaro, em 10 de fevereiro de 1987, foi solicitado ao Superior Geral, Pe. Calisto Vendrame, a supressão da Casa, conforme fora decidido em reunião do Conselho Provincial de 28 de agosto de 1986.

Atividade: pastoral hospitalar

Seminário São Camilo de Sinop - MT

A presença Camiliana em Sinop ocorreu dentro do contexto de busca por novas frentes de missões e de expansão da promoção vocacional. Isso ocorreu por incentivo dos Superiores Gerais Pe. Henrique Dammig e Pe. Calisto Vendrame.

A prioridade no aspecto vocacional durante o provincialado do Pe. Alfonso Pastore (1977-1980) foi um apelo forte aos coirmãos. De modo que Pe. Luiz Gemelli, acompanhando uma frente de migração de colonos do sul do país que se deslocava para o Mato Grosso, foi para Sinop em fevereiro de 1979, viabilizando tratativas para a instalação de um Seminário. Em novembro de 1979 seguiu Pe. Heitor Nicolodi, com a missão de viabilizar um projeto para receber 35/40 alunos, no Seminário, e com prazo para conclusão das obras ainda em 1980.

Os avanços e as dificuldades foram relatados na troca de correspondência dos padres enviados para a avaliar a iniciativa, e, em 19 de maio de 1980, foi lançada a pedra do Seminário São Camilo, com celebração de uma missa campal. Novos reforços foram enviados em 1981, com a ida do Pe. Carlos A. Pigatto, Superior da Comunidade e do Pe. Angelo Pasqual como ecônomo.

As crônicas da Casa de Sinop registraram, em fevereiro de 1982, os seguintes dados: o quadro de seminaristas saltou de 33 para 86 aspirantes

procedentes das imensas colonizações; crescimento da comunidade paroquial. A Diocese de Sinop foi instalada em 23 de maio, tomando posse Dom Henrique Froehlich. Houve reconhecimento dos estudos do seminário junto à Secretaria Estadual da Educação, entre outros fatos.

Ainda no capítulo local de 1983, encontram-se as seguintes informações: as preocupações quanto à necessidade de mais duas pessoas para assistência no ensino e em outras responsabilidades da Casa; inflação impactava os viveres e demais despesas; estreitamento das relações do Provincial com a nova autoridade diocesana local e o compromisso com a Pastoral da Saúde.

Os Camilianos permaneceram em Sinop até 1990, quando a comunidade foi suprimida.

Atividades: casa de formação, atividade paroquial e visita aos doentes.

Residência de Sorocaba - SP

Em 23 de abril de 1996, o Dom José Lambert, CSS – Arcebispo Metropolitano de Sorocaba, dirigiu uma carta aos Camilianos convidando-os para que assumissem a Paróquia São Lucas, em cujo território se situava a Faculdade de Medicina da PUC-SP e o chamado Conjunto Hospitalar. Entre os hospitais instalados ali destacam-se as instituições Santa Lucinda, Leonor Mendes de Barros, Hospital de Olhos, Instituto do Coração, etc.

Assim, o Provincial Pe. Geraldo Bogoni, após decisão do Conselho Provincial, encaminhou em 19 de setembro de 1996 a solicitação para aprovação da Cúria Geral.

No dia 1º de outubro de 1996, o Conselho Geral aprovou o pedido assinado pelo Superior Geral Pe. Angelo Brusco. Em 12 de outubro de 1996, Pe. Fermino Waldemar Pasqual foi nomeado pároco da Paróquia São Lucas, e Pe. Antonio Mendes Freitas vigário paroquial. De modo que a Comunidade de Sorocaba foi uma Residência da Casa de Vila Pompeia. No ano de 2006, a paróquia foi devolvida à Arquidiocese.

Atividades: atividade paroquial, capelarias e pastoral da saúde

Comunidade Pe. Inocente Radrizzani - Teologado

Em 23 de outubro de 1997, o Provincial Pe. Geraldo Bogoni solicitou a Dom Paulo Evaristo Arns – Cardeal Arcebispo de São Paulo - o consentimento para a abertura da Casa, com o objetivo de atender à Comunidade do Teologado (professos temporários).

Seguiram-se os trâmites junto ao Superior Geral, Pe. Ângelo Brusco, em 11 de fevereiro de 1998, justificando que os estudantes de teologia teriam um ambiente em que pudessem ser mais bem acompanhados em sua formação. No dia 13 de março de 1998, a Consulta Geral erigiu canonicamente a Casa Pe. Inocente Radrizzani.

Pe. Olacir Geraldo Agnolin foi nomeado como Superior da Comunidade. A Comunidade foi instalada na rua Raul Pompéia, sendo transferida para o Jaçanã⁴ e novamente transferida para a Pompéia (junto à Comunidade Nossa Senhora do Rosário), sendo suprimida em 2011.

Atividade: casa de formação

Seminário Maior São Camilo do Ipiranga

O projeto de construção do Seminário Maior São Camilo – Ipiranga, com capacidade para 66 pessoas, foi proposto pelo Provincial Pe. Dyonisio Costenaro, com a aprovação do Conselho Provincial, ao Superior Geral, Pe. Calisto Vendrame. Este recebeu parecer favorável da Comissão Econômica Central, em 10 de janeiro de 1985, para dar prosseguimento à iniciativa, conforme publicado no *Boletim Oficial e Informativo da Província Camiliana Brasileira*, n. 88 de jan/mar de 1985.

Em 30 de abril de 1986, foi aprovada a ereção canônica do “Escolasticado São Camilo” pelo Conselho Geral e assinada pelo Superior Geral Pe. Calisto Vendrame, conforme transcrição que se encontra no *Livro de Crônicas da Casa do Ipiranga*. O registro segue relatando os preparativos para a inauguração, realizada no dia 17 de maio de 1986, com a presença de Dom Paulo Evaristo Arns, Cardeal da Arquidiocese de

4 Local da antiga Comunidade Santa Teresinha

São Paulo. No dia 29 de maio de 1986, foi nomeado Superior da Casa Pe. Ramiro Pastore.

Após a decisão do Conselho Provincial de 08 de novembro de 2013, para a supressão daquela Comunidade religiosa, o Provincial Leocir Pessini encaminhou as tratativas junto ao Pe. Anisio Hilário, vigário Episcopal da Região do Ipiranga, em 02 de janeiro de 2014. Em 16 de outubro de 2014, o Provincial Pe. Antonio Mendes de Freitas encaminhou o pedido à Cúria Geral.

Em 29 de outubro de 2014, o Conselho Geral aceitou o pedido de supressão do Seminário Maior São Camilo – Ipiranga, que foi assinado pelo Superior Geral Pe. Leocir Pessini.

Atividade: casa de formação, capelania

Comunidade São Camilo de Monte Santo de Minas – MG

No provincialado do Pe. Dyonisio Costenaro, a promoção vocacional era bastante intensa, e o estado de Minas Gerais, considerado um dos marcos da religiosidade brasileira, seria novamente um lugar com prospecto vocacional positivo. Importante lembrar que o Arcebispo de Mariana, Dom Silvério Gomes Pimenta, foi o precursor da vinda dos camilianos ao Brasil. Assim, em 1981, Pe. Arlindo Toneta, então encarregado da divulgação e do acompanhamento vocacional, realizou uma viagem, com duração de um mês, a determinada área geográfica de Minas Gerais para fazer um mapeamento. O levantamento em profundidade das diversas localidades e do potencial vocacional mostrou que a cidade de Monte Santo de Minas reunia as condições ideais, apresentando inclusive um antigo seminário, vazio há vários anos, que pertencia aos padres Sacramentinos.

As tratativas por parte do Provincial, com a aprovação do Conselho Provincial, em maio de 1982, foram iniciadas imediatamente e consolidadas com a visita dos padres Niversindo Cherubin e Augusto Mezzomo ao Bispo de Guaxupé, Dom José Alberto Castro Pinho, em 02 de junho de 1982.

Em 18 de agosto de 1982, o Conselho Geral aprovou a aquisição do Seminário, aprovação assinada pelo Superior Geral, Pe. Calisto Vendrame. Em 1983, concedeu a ereção da Casa de Formação de Monte Santo, conforme

publicado no *Boletim Oficial da Província Camiliana Brasileira*, n.83, 1983. Ainda em 1983, Pe. Ernesto Boff foi designado Superior da Casa.

No provincialado de Pe. Antonio Mendes, em 2016 foi solicitada a supressão da comunidade, que foi aprovada pelo Superior Geral Pe. Leocir Pessini.

Atividade: casa de formação, animação vocacional e atividades paroquiais

Comunidade Santa Maria Madalena de Pirambu

As iniciativas para a instalar a Casa de Fortaleza (Pirambu) tiveram início em 1989, com a chegada de Pe. Adolfo Serripierro a Fortaleza, que trabalhou como médico no Hospital Cura D'Ars. A escolha de apoiar a população marginalizada, moradora das favelas do Pirambu e Farol, com imensas carências de serviços públicos e com adolescentes em situação de risco, vivendo nas ruas, colocou diferentes desafios aos camilianos.

Em julho de 1991, o provincial Pe. Julio Munaro destinou o Irmão Vicente de Paula Nogueira para começar os preparativos da instalação da Casa. Na sequência, em 1992, no provincialado do Pe. Geraldo Bogoni, foi solicitada ao Arcebispo Aloisio Cardeal Lorscheider a ereção da Casa. O Clérigo Jorge Sérgio Pinto de Sousa reforçou a missão passando a se dedicar aos doentes portadores de HIV/AIDS.

Ainda em 22 de dezembro de 1992, o Superior Geral Pe. Angelo Brusco assinou a criação da Comunidade, nomeando Pe. Adolfo Serripierro como Superior.

Em 15 de setembro de 2017, a Casa foi supressa por ato do Conselho Geral. O Superior Geral era Pe. Leocir Pessini.

Atividades: comunidade missionária, capelarias e atividades pastorais

Comunidade São Camilo de Santa Cruz de la Sierra – Bolívia

A missão na Bolívia teve seu início nos idos de 1999, para abertura de nova frente missionária, atendendo aos documentos da Igreja e ao programa do Conselho Geral para dar preferência aos pobres. O local escolhido foi Santa Cruz de la Sierra. Os objetivos eram Pastoral da Saúde, Pastoral Paroquial, Capelania do Hospital “Japonês” e a Pastoral Vocacional. Ainda em abril de 2000, foram designados Pe. Luiz Gemelli como pároco e Pe. Geraldo Bogoni para o trabalho pastoral e administração. Em 2002, a missão foi reforçada com a chegada de Pe. Mateo Bautista, da Província Espanhola.

No período do provincialado de Pe. Velocino Zortéa, foram realizadas as tratativas para a instalação da Comunidade Camiliana e do Seminário para formação de futuros religiosos bolivianos. Em 05 de junho de 2003, o Cardeal Arcebispo de Santa Cruz de la Sierra, cardeal Dom Julio Cardenal Terrazas Sandoval, concedeu a permissão para a ereção da Casa Religiosa.

Em 18 de novembro de 2003, o Conselho Geral erigiu a “Comunidade São Camillo” de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, por decreto assinado pelo Superior Geral Pe. Anthony F. Monks.

Pe. Geraldo Bogoni foi nomeado, em 2003, Superior da Comunidade pelo provincial Pe. Velocino Zortéa.

Em 05 de outubro de 2018, a comunidade foi suprimida.

Atividades: casa de formação, capelarias e atividades paroquiais

7 – Valores camilianos: o ministério da misericórdia e o desafio da humanização

A misericórdia pode muito bem ser entendida como aquele impulso, aquela potência que sensibiliza e move o coração humano a ir ao encontro e a mergulhar na situação de miséria do outro e resgatá-lo para a vida. Ministério é um serviço realizado por uma pessoa carismática que foi despertada pelo Espírito de Deus e sensibilizada por algum tipo de drama humano, que coloca seu dom carismático a serviço da humanidade e em prol da humanização. Camilo de Lellis foi um humilde servo de Deus que, a partir do ministério da misericórdia, impactou na forma de cuidar e de se relacionar com as pessoas enfermas, nos leitos dos hospitais, sendo uma pessoa carismática no ministério da misericórdia e da humanização.

Os discípulos da “nova escola de caridade” são “jardineiros”, cultivadores de uma mística e de uma espiritualidade que os capacita para o ministério de cuidadores das “pupilas dos olhos de Deus” (os enfermos) nos hospitais-jardins do mundo. Com caridade fraterna e sensibilidade materna, os discípulos da misericórdia estão no mundo para atualizar a ação terapêutica do Mestre de Nazaré, que inspirou o coração de Camilo de Lellis para amor total e incondicional às pessoas enfermas. “Para Camilo a maior e mais bela liturgia acontecia ao pé do leito da pessoa doente. Tudo o que acontecia com o enfermo tinha uma dimensão sacramental, tais como a liturgia do banho de leito, a liturgia da alimentação, a liturgia do atendimento das necessidades espirituais e a liturgia da presença junto de alguém que está prestes a se despedir da vida. Tudo isso são atos de amor misericordioso que se transformam em ações sacramentais do ato de cuidar”.

Nessa perspectiva do cuidado humanizador, Camilo sempre foi muito exigente consigo mesmo e com seus companheiros de jornada. Numa circunstância em que presenciou um confrade seu cuidando de um enfermo de forma displicente, logo o advertiu, dizendo: “Mais coração nas mãos, irmão”! Nesse axioma, Camilo parece expressar a forma e o dinamismo

humanizador do carisma da misericórdia, vivenciado no cuidado para com os enfermos. Esse grito exigindo humanização na relação com a pessoa doente é bastante rico de significado. A feliz metáfora do coração nas mãos parece envolver tudo o que é necessário para que verdadeiramente aconteça a humanização no mundo da saúde. O coração é o símbolo maior do amor, da compaixão, da ternura e da generosidade humanas. As mãos simbolizam toda a dimensão técnica da capacitação e da qualificação que a pessoa precisa desenvolver para atuar com as habilidades necessárias de um profissional, no caso específico, da saúde. Mas sabe-se que não basta apenas as mãos estarem tecnicamente capacitadas para que alguém seja reconhecido como um excelente profissional. Na escola do cuidado humanizador, exige-se muito mais do que a excelência técnica. Faz-se necessário acrescentar às mãos, tecnicamente qualificadas, aquelas habilidades cordiais do coração, para que tal profissional seja capaz de fazer a diferença no exercício de sua profissão.

Sabe-se, por experiência própria, a diferença que faz quando se é atendido e cuidado por um profissional tecnicamente qualificado, mas que também coloca o coração nas mãos, superando a frieza da técnica. Refletir sobre essa metáfora do coração nas mãos leva-nos a considerar, com propriedade e eficácia, o símbolo universal da humanização hospitalar.

Essa experiência camiliana do cuidado humanizador se sustenta na espiritualidade encarnada do bom samaritano, que é própria do cuidado e da cura. Uma espiritualidade da proximidade, do olhar, do toque e do envolvimento total com a situação de miséria do outro, a ponto de comprometer-se com a vida ameaçada de morte. É uma espiritualidade que gera, promove, resgata e defende a vida e a saúde da pessoa atingida pelo sofrimento. Ela também amplia os horizontes na perspectiva da salvação, já que se trata de uma ação humanizadora e evangelizadora.

Outra metáfora significativa para a vivência do carisma camiliano da misericórdia para com as pessoas doentes é a do “Hospital como Jardim”. O que essa metáfora sugere? Que, sendo o hospital um jardim, os enfermos são as rosas para as quais devem estar direcionados todo cuidado e toda atenção. Os profissionais da saúde e demais agentes são verdadeiros jardineiros, encarregados de oferecer todo o cuidado necessário aos enfermos, de atendê-los em todas as suas demandas e necessidades, ou seja, de oferecer cuidado integral e total. Na prática cotidiana de seu ofício, o jardineiro tende a

desenvolver uma sensibilidade específica para cada tipo de planta ou rosa do jardim; assim também nos leitos dos hospitais, o grande jardim, segundo São Camilo, o cuidador-jardineiro precisará desenvolver a sensibilidade que possibilita a humanização na relação.

Efetivamente, a relação humanizadora entre cuidador e pessoa enferma se dá e se firma na simplicidade de gestos e atitudes cotidianos. Se, porventura, essa realidade for ignorada, a humanização estará comprometida. Nesse contexto da simplicidade, pode-se afirmar que a humanização se inicia no ato da acolhida, estende-se na qualidade da escuta, prolonga-se no estabelecimento da relação de confiança, para se concretizar no modo de agir do cuidador em relação à pessoa doente. Isso pode ser constatado nos muitos relatos das pessoas que passaram pela experiência da hospitalização, os quais destacam exatamente o atendimento e a acolhida: ter sido bem acolhido favoreceu a relação de confiança e foi extremamente favorável à recuperação da saúde. Trata-se da concretização daquela realidade que já apontamos acima: a de “colocar o coração nas mãos”.

Toda essa riqueza humano-espiritual condensada e presente no carisma camiliano da misericórdia para com os enfermos está a serviço da Igreja, de modo particular por meio do ministério da capelania e no âmbito da pastoral da saúde, por ações humanizadoras e evangelizadoras da própria Igreja no mundo da saúde e da doença. É no dinamismo do serviço da capelania e da pastoral da saúde que a Igreja dá visibilidade a dois aspectos fundamentais de sua missão no mundo: o “ide e evangelizai” e o “ide e curai”, evidenciando o compromisso com a humanização e com a evangelização, como “sacramento” de saúde e de salvação.

Os agentes da pastoral da saúde são sempre pessoas voluntárias e de muito boa vontade para os ministérios da visitação e do acompanhamento às pessoas enfermas e seus familiares. Convém ressaltar a importância da boa vontade como primeiro passo para o engajamento do voluntário na pastoral. Porém, em se tratando de uma pastoral que tem como realidade particular a dimensão do humano sofrer, isso implica a real necessidade de formação, de capacitação e qualificação de seus agentes como também dos destinados à capelania. Não basta apenas a boa vontade para exercer a missão de bom samaritano, no contexto de uma humanidade cada vez mais ferida, machucada e fragmentada. Para exercer os ministérios da misericórdia e da

compaixão, exige-se boa vontade e capacitação. Não se trata de um ministério que se sustenta apenas na boa vontade do agente. Trata-se de um ministério cada vez mais exigente de qualificação humano-místico-espiritual, tanto para novos agentes da pastoral da saúde como também para capelães.

As paróquias camilianas precisam ser também “escolas de humanização”. No documento das paróquias está dito que as paróquias camilianas precisam ser “Hospitais abertos” e, acrescentando o que disse o Papa Francisco, “Hospitais de campanhas” para acolher, cuidar das pessoas feridas, machucadas e fragilizadas e acompanhá-las. Isso implica que os párocos sejam verdadeiros “terapeutas” da humanidade. Terapeutas no sentido mesmo de cuidar, de acompanhar e colaborar nos processos de cura, libertação e integração de uma humanidade desintegrada que os procura. A metáfora do terapeuta foi usada muito mais como força de expressão. Poder-se-iam usar tranquilamente metáforas bíblicas como as do Pastor, do Bom Pastor, do Bom Samaritano ou do Agricultor, todas elas sujeitas à mesma hermenêutica. A riqueza da metáfora do terapeuta permite ser aplicada aos que estão na formação, na administração, na coordenação e na capelania.

Isso nos provoca e nos leva a questionar: se para viver o carisma da misericórdia, como força humanizadora e evangelizadora no mundo da saúde e da doença, será preciso repensar o processo formativo dos novos “ministros da misericórdia” (camilianos)? Não dá para acreditar que, passando pelo processo formativo comum, ou tradicional, o religioso camiliano estará apto a viver a beleza e o desafio do carisma em todas as suas dimensões. Como identidade própria e vigor carismático, parece que estamos muito carentes de uma capacitação identitária do quarto voto, de serviço aos enfermos. Essa carência tem cada vez mais reflexo em todas as áreas de nossa atuação.

Convém assinalar, na perspectiva dos cuidados paliativos, a nova filosofia de cuidado que tende a estar cada vez mais presente na vida de uma parcela relevante da humanidade que sofre com as doenças crônicas, com os adoecimentos prolongados e que estão em fase terminal da existência. Diante do drama da constatação médica de que não há mais o que se fazer por aquela pessoa gravemente enferma, entra em ação a perspectiva da humanização, que irá em busca de uma solução possível; pois entende-se se tratar de uma vida digna, merecedora de respeito e de cuidado, mesmo estando debilitada e consumida pela enfermidade. A dignidade humana dessa pessoa enferma

reclama que se lhe ofereça o melhor possível, para que seus dias de vida sejam vividos com qualidade e, assim, ela possa morrer com dignidade.

Para tanto, os cuidados paliativos buscam atender demandas específicas das pessoas que foram desenganadas pela medicina, oferecendo-lhes qualidade no curto tempo de vida e dignidade no processo da morte. Portanto, pode-se afirmar que a perspectiva da humanização completa seu ciclo ao abranger os desafios humanos de nascer, viver e morrer com dignidade.

Esse itinerário de humanização implica a necessidade de uma boa fundamentação ética, de uma ética profissional das relações, capaz de gerenciar conflitos e interesses favorecendo um ambiente de trabalho justo e saudável. Nesse sentido de uma ética da alteridade, podemos contar muito com a carta de identidade das entidades camilianas brasileiras, como vivência do carisma camiliano nas obras, com as entidades e com a relação com os colaboradores. Não será preciso inventar mais documentos. Nós já possuímos o bastante.

Evidentemente que, no campo da ética, será sempre um desafio gerenciar as entidades, as obras e principalmente o capital humano. O gestor necessita de habilidades técnicas e também de sensibilidade humana para administrar todas essas demandas. Os colaboradores precisam sentir-se acolhidos e cuidados pelos gestores para que, em seu campo de ação profissional, consigam demonstrar o diferencial de ser um colaborador camiliano. Isso não significa que o colaborador tenha que ser obrigatoriamente cristão ou católico. Exige-se que seja um profissional tecnicamente competente e com potencial para colocar o coração nas mãos. Se não comunga o mesmo credo religioso, com certeza comungará o “credo” da humanização, vivenciando os valores do carisma camiliano. O princípio ético funciona sempre como ponto de equilíbrio que nos afasta dos extremos para nos situa no meio termo, na justa medida.

Se ainda não conseguimos, precisamos continuar caminhando para que nossas entidades e obras sejam reconhecidas como referências de humanização, exatamente pelo compromisso de defender, de cuidar, de promover e gerar vida. Em nossas entidades, a vida será sempre nossa grande prioridade e, nesse sentido, a bioética contribuiu e tem muito a contribuir com nosso carisma do cuidado perante os desafios do mundo atual. Evidentemente que também precisamos nos preocupar com a sustentabilidade de nossas

entidades, mas não como primeira prioridade. Por fim, a ética vem nos lembrar de que somos seres frágeis e que, quanto mais nos fragmentarmos, mais fragilizados seremos. Nesse estado de total vulnerabilidade, a arte de cuidar e de ser cuidado pode se transformar numa grande oportunidade de humanização e de manifestação de amor ao próximo.

O carisma camiliano da misericórdia para com as pessoas enfermas, com sua mística do crucificado-ressuscitado, sua espiritualidade do bom samaritano e seu modo particular de cuidar dos enfermos com sensibilidade materna, muito tem a contribuir com essa nova filosofia de cuidado, tendo em vista que os camilianos, ministros da misericórdia, foram reconhecidos como os “padres da boa morte”, ou seja, da morte assistida, da morte humanizada.

Olhando para nosso carisma camiliano e contemplando toda a sua riqueza humanizadora, podemos concluir que o desafio da humanização é sim um grande projeto de vida, mas é, prioritariamente, um modo de ser, de estar e de se relacionar com o mundo e com as pessoas. Tem grande impacto na dimensão externa de nossas obras e ações, mas precisa impactar muito mais nosso modo de ser e de nos relacionar na dimensão interna de nosso viver. De tal forma que baste nossa presença comunitária para tornar evidente a vitalidade do carisma, na vivência concreta de relações humanizadoras.

Anexo I

Carta testamento

Em nome da SS. Trindade, da gloriosa Virgem Maria e de toda a corte celeste.

*Reverendíssimos e muito amados padres
e irmãos em Cristo,
A paz de Cristo!*

Tenho a impressão de que estaria faltando à minha obrigação se, antes de acabar a minha vida terrena, pois é quase certo que dentro de alguns dias irei para a outra vida já que, por causa de minhas longas enfermidades, me acho em condições precaríssimas de saúde e quase definitivamente desenganado pelos médicos, não dissesse, com toda a simplicidade e sinceridade, o que pensei e penso de nosso Instituto, a fim de que todos caminhemos com a simplicidade e retidão que Deus exige e não enterremos o precioso talento que colocou em nossas mãos para conseguirmos, com tão valioso meio, a santidade de vida e, por fim, a glória eterna.

Falando com toda a simplicidade e sinceridade, pode-se quase afirmar que esta fundação foi levada a termo de forma miraculosa para a glória de Sua Divina Majestade, para grande proveito da alma e do corpo do nosso próximo e para grande vantagem do próprio cristianismo.

A nossa missão está plenamente de acordo com o Evangelho e com a doutrina de Cristo, Nosso Senhor, que tanto a enaltece tanto no Velho quanto no Novo Testamento e com o exemplo de sua santíssima vida, curando os enfermos e livrando-os de toda sorte de enfermidades.

Afirmei que a nossa fundação constitui um autêntico milagre, sobretudo, porque Deus se valeu da minha pessoa, grande pecador, ignorante, com muitos defeitos e faltas e mil vezes merecedor do inferno. Mas Deus é dono, e pode fazer o que lhe apraz e está sempre infinitamente bem feito. Ninguém se admire, portanto, que Deus se tenha servido de um tal instrumento, pois o fato de ter realizado maravilhas do nada, constitui para ele motivo de glória ainda maior.

O diabo não deixou, não deixa, nem deixará de lutar para que esta pequena planta, da qual se espera tanta glória para Deus, seja de algum modo maltratada e aniquilada. Se não conseguir seu intento sob forma evidente de mal, procurará realiza-lo sob disfarce de bem, lançando mão de todos os modos e meios ao seu alcance. Poderá até valer-se de membros da própria Ordem, incutindo-lhes, como se fosse um bem, que desvirtuem e alterem a nossa santa missão.

Acautelem-se, pois, contra tamanho sacrilégio e ofensa a Deus, a fim de não atrair sobre si mesmos a ira do Altíssimo nesta vida e mais severamente ainda na outra. Por isso, exortamos todos os religiosos presentes, e também os que ingressam no futuro, a “não querer saber mais do que convém saber”, mas acatar com santa simplicidade o que foi estabelecido na nossa bula aprovada pela Santa Sé Apostólica. Que todos sejam fidelíssimos defensores disso. Feliz quem proceder assim e infeliz quem não proceder assim.

Embora pelo simples fato de ter recomendado o nosso Instituto já esteja incluído também á voto de pobreza, nem por isso quero deixar de falar e recomendar a todos, presentes e futuros, se quiserem, como convém, que o serviço dos doentes no hospital, nossa finalidade principal, e a encomendação das almas a domicílio perdurem e subsistam para sempre, que preservem, com toda a diligência e vigor espiritual, a integridade do nosso voto de pobreza, segundo quanto determinam as nossas bulas, pois o nosso Instituto sobreviverá na medida em que a pobreza for praticada “ad unguem”. Portanto, peço a todos que sejam fidelíssimos defensores também deste santo voto da pobreza e não consintam, de forma alguma, que venha a ser alterado, mesmo em coisas mínimas, ou então, se embote a beleza deste santo voto.

Não devemos cair nos enredos do demônio alegando, sob pretexto de bem, que não conseguiremos viver exclusivamente de esmolas. Seria trapaça evidente para arruinar o nosso santo Instituto. Na Igreja de Deus existem muitas ordens mendicantes que professam pobreza bem mais rigorosa que a nossa e, no entanto, Deus as socorre em todas as suas necessidades. E quem se atreveria a duvidar que deixará de fazer o mesmo com a nossa Ordem, dado que presta valiosíssimo serviço tanto no hospital quanto na encomendação das almas a domicílio? Trata-se de caridade sublime, aceita e agradável não só a Deus, mas também aos homens, a tal ponto que, por assim dizer, se tiverem

um pedaço de pão, o dividirão a meio conosco. Portanto, não tenham dívidas quanto a isto. Com a ajuda de Deus, teremos bens até para jogar fora.

Não quero omitir-me de recomendar a união, a paz e a concórdia entre padres e irmãos. Sinceramente falando, não foi sem motivo e mistério que a Providência divina quis que tivéssemos em comum, padres e irmãos, o mesmo nome de Ministros dos Enfermos e o mesmo campo de trabalho. Em nossas atividades – respeitadas as competências tanto dos padres quanto dos irmãos – devemos guiar-nos sempre pela segunda “bula”. Também não devemos tomar como pretexto que, na Igreja de Deus, outras congregações não seguem o nosso caminho, pois a sua finalidade é diferente da nossa.

Também recomendo a todos a perfeita observância dos outros votos.

Ninguém se atreva, sob qualquer pretexto, privar os “irmãos dos direitos que a Santa Sé Apostólica lhes outorgou”.

Dado que por sua natureza o nosso Instituto requer homens perfeitos para cumprir a vontade de Deus e alcançar a perfeição e a santidade, exorto todos os religiosos, do presente e do futuro, a trilharem o caminho do espírito, da verdadeira mortificação religiosa, se quisermos garantir a nossa salvação. Estes realizarão o bem, não só para si mesmos, mas contribuirão também para o bem da Igreja e de todo o mundo. Pelo contrário, os sensuais, de pouco espírito e sem mortificação, causarão a ruína da Ordem.

Declaro, ainda, ser minha vontade que se fundem casas não só nas cidades grandes e médias, mas também nas pequenas, a fim de dar assistência às pessoas que morrem naqueles lugares, desde que seja possível sustentar com esmolas até doze religiosos. Também desejo que, de acordo com o que está prescrito na segunda bula, não se assuma nunca a assistência espiritual sem incluir a assistência corporal.

Se nesta carta foi esquecida alguma coisa para o serviço de Deus, entrego-a ao próprio Deus altíssimo, a fim de que inspire a mente de todos, padres e irmãos, presentes e futuros, sobre o que deverá ser feito para a sua glória.

No que se refere à minha alma, isto é, orações e sacrifícios de meus queridos padres e irmãos, sei que, de sua parte, não somente farão os sufrágios ordinários, conforme determinam as constituições quando morre alguém, mas espero ainda que, por amor de Deus e da Virgem bendita, tão

logo recebam a notícia de minha morte, na medida do possível, rezem sem interrupção por minha alma.

Com isto termino e dou a todos, por quanto me é concedido por Deus e de sua parte, mil bênçãos, não apenas aos religiosos presentes, mas também a quantos forem membros desta Ordem até o fim do mundo.

Desejo e peço que esta carta seja guardada, para perene lembrança, no arquivo em que são conservados os documentos da casa e que se tome cuidado para que não venha a se perder.

Seu servo no Senhor,

Camilo de Lellis

Roma, 10 de julho de 1614.

Anexo 2

São Camilo salva os doentes da inundação do Tibre em 1598

(Explicação acerca da imagem peregrina de São Camilo para o Ano Vocacional)

Mediante o anúncio da Palavra de Deus e dos Sacramentos da Graça, a Igreja cumpre sua missão de levar os homens a Cristo Salvador. Numa perspectiva contemporânea, sobretudo após o Concílio Vaticano II, a Igreja empenha-se em pensar numa *pastoral da cultura*, conduzindo os fiéis a encontrarem Deus, a partir do belo. Nesse sentido, a Igreja nos apresenta a *Via pulchritudinis*, o Caminho da Beleza. Esse caminho conduz à fé, devido à sua capacidade de unir os corações para a contemplação do belo, o qual exprime de alguma forma o mistério de Deus e do homem, apresentando-se como uma ponte, um instrumento que liga os homens, ajudando-os a encontrar a beleza do Evangelho a partir de uma simples experiência de encontro com o belo, que suscita estupor, surpresa, admiração e sobretudo encanto.⁵

Quando contemplamos uma obra de arte, somos conduzidos a experimentar o transcendente, a algo que a ultrapassa. Podemos dizer que a obra de Pierre Subleyras, *São Camilo salva os doentes da inundação do Tibre em 1598*, nos traz exatamente esse sentimento: ela nos conduz a contemplarmos um homem à frente de seu tempo, sobretudo em relação ao cuidado e ao amor que doava àqueles que atendia. Ao contrário do que muitos dizem, os santos não são homens do passado mas sim do futuro, eles apontam para o eterno, para o Absoluto.

A famosa pintura de Pierre Subleyras (artista francês nascido em 25 de novembro de 1699 e falecido em 28 de maio de 1749), retrata São Camilo salvando os doentes do Hospital Santo Espírito, durante a inundação do rio Tibre, em 24 de dezembro de 1598. Conta-se que essa foi uma das maiores inundações já registradas em Roma. Camilo passou a noite toda salvando os doentes e carregou muitos deles sobre seus ombros, sem se preocupar que a água lhe chegasse até os joelhos. A obra, inspirada nesse episódio de grande

5 Documento final da Assembleia dos Bispos, *Via Pulchritudinis*, Roma 2006.

manifestação de carinho e de cuidado que Camilo tinha para com os doentes, foi pintada em 1746, especialmente para a ocasião da canonização deste, e foi conservada em Roma, no Palácio Braschi.

A bela pintura de Subleyras foi a inspiração para a obra do escultor mineiro Carlos Calsavara, na qual São Camilo carrega nos ombros um doente. Podemos dizer que essa imagem exprime de forma grandiosa o santo que queria “ter mil braços para a caridade”, ela nos leva ao cerne da espiritualidade camiliana. Camilo, sempre inflamado pelo fogo da caridade, cuidava dos enfermos como uma mãe amorosa cuidava de seu único filho, como se não tivesse outra preocupação no mundo. A obra de Calsavara nos mostra a largueza de coração de um homem que não media esforços para fazer o bem e que não tinha medidas para o amor. Essas belas imagens nos inspiram a seguirmos a escola da Caridade fundada por São Camilo, obra do próprio Cristo e sustentada por Ele.

É interessante percebermos a importância de imagens como a retratada por Subleyras não somente como uma celebração do apostolado de São Camilo, numa dimensão figurativa, mas também como exemplo daquele que, por amor, se entrega totalmente ao próximo, vendo nele o próprio Cristo chagado. Nesse sentido, o compromisso vocacional camiliano, sempre atento ao cuidado com os doentes, encontra em imagens como a descrita um lugar importante, tanto por sua grande eficácia evocativa quanto pela grandiosidade do ensinamento que traz. ⁶

⁶ Sapori Eugenio, Salviucci Insolera Lydia, *San Camillo de Lellis e i suoi amici – Ordini religiosi e arte tra Barroco e Rinascimento*, Roma 2016.



CAMILIANOS

Provincia de Curitiba - Brasil